

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

ANA CLARA DA SILVA CABECEIRA

**A VIDA DE HIPÁCIA DE ALEXANDRIA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA
ANTIGUIDADE TARDIA**

**BRASÍLIA
2014**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

ANA CLARA DA SILVA CABECEIRA

**A VIDA DE HIPÁCIA DE ALEXANDRIA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA
ANTIGUIDADE TARDIA**

Monografia apresentada como requisito
parcial para a conclusão do curso de
licenciatura em Filosofia

**BRASÍLIA
2014**

ANA CLARA DA SILVA CABECEIRA

**A VIDA DE HIPÁCIA DE ALEXANDRIA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA
ANTIGUIDADE TARDIA**

Aprovada por:

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Loraine de F. Oliveira

Examinadora: Prof.^a Msc. Agatha Bacelar

**BRASÍLIA
2014**

AGRADECIMENTOS

Existem várias pessoas sem as quais eu não teria conseguido fazer essa monografia. Para essas pessoas gostaria de dedicar meus sinceros agradecimentos.

Primeiramente aos meus queridos pais, Cristina e Geraldino Cabeceira, que me admiram e me promovem tanto. Gostaria de ser pelo menos um décimo do que vocês pensam e falam a meu respeito. Obrigada pelo encorajamento, educação e a plena convicção de que eu posso fazer tudo o que eu quiser, basta eu querer. E claro, obrigada por me deixarem saber tudo isso, por me falarem. Eu amo muito vocês, mamãe e papai.

Ao meu irmão, Lauro Caminha, por ter me ajudado tanto nesse trabalho. Foi comigo atrás dessa bibliografia que conseguimos com tanto esforço e foi meu braço direito na confecção do desenvolvimento propriamente dito. Obrigada pelas dicas e pelo apoio que você sempre me deu. Você é meu irmão mais velho, meu querido e eu te amo imensamente.

Agradeço também aos meus irmãos mais novos, Mateus e Marcos Cabeceira, que são um refrigerio na minha vida, minha alegria. É por vocês dois que tento todos os dias ser uma pessoa honesta, trabalhadora e um bom exemplo. Obrigada também às minhas duas irmãs, Marina e Luiza. Amo todos vocês!

Agradeço aos meus amigos e amigas, especialmente à Ruth Mendes, que tem sido uma irmã, conselheira e referencial para mim. Te respeito e te admiro tanto! E obrigada também à Bruna Silva, que adora quando eu começo “aquela cantoria”, como ela mesma diz. Bruna, obrigada por tudo!

Obrigada a todos os meus professores da graduação, que me ensinaram tanto, obrigada pela dedicação. Não poderia deixar de citar o nome do professor doutor Gabriele Cornelli, que é um referencial para mim em tantas coisas. A sua excelência, compromisso e visão me inspiram. Obrigada pela oportunidade de fazer estágio na Cátedra UNESCO Archai, lugar que tem sido vital para a minha formação.

Agradeço também à professora Agatha Bacelar pela disponibilidade em ser a minha avaliadora nessa monografia. Muito obrigada, professora Agatha!

E por fim, agradeço imensamente à minha orientadora, a professora doutora Loraine Oliveira. Obrigada por ter me orientado nessa fase tão importante da minha vida e pela gentileza de ter investido seu tempo para me auxiliar nesse trabalho. Obrigada!

Para Lauro Caminha, meu irmão.

RESUMO

Hipácia viveu num período de transformações na Alexandria no final do século IV e início do século V. Com o crescimento e difusão do cristianismo no Império Romano, o modo de vida nas cidades modificou-se de modo que as pessoas se viram impelidas a se converterem à nova religião oficial do Estado. Ela não se adequou ao novo estilo de vida, o que a expôs ao ponto de os líderes religiosos maquinarem o seu assassinato. Hipácia contribuiu com estudos nas áreas da filosofia, matemática, geometria, astronomia e foi uma mulher a frente do seu tempo, pois naquela época as mulheres não tinham voz acadêmica, política e religiosa, ou seja, não podiam contribuir nas áreas supracitadas. A filósofa tinha grande influência e renome na cidade de Alexandria que era exercida através das relações políticas, como por exemplo, com o prefeito Orestes e com os alunos da cidade, como Sinésio de Cirene, o qual tornou-se bispo anos mais tarde. Mesmo no período conturbado Hipácia enfrentou as adversidades impostas pela nova política, desta forma conseguiu contribuir academicamente, porém o preço foi sua morte. A partir do exemplo de Hipácia, é possível analisar o contexto histórico em que ela vivia e assim fazer uma representação de gênero na Antiguidade Tardia.

Palavras-chave: Hipácia, Alexandria, cristianismo, gênero, Antiguidade Tardia.

ABSTRACT

Hypatia lived in a period of transformation in Alexandria in the late fourth century and early fifth century with the growth and spread of Christianity in the Roman Empire, the way of life in the cities was changed so much that people found themselves impelled to convert to the new state religion. She does not fit the new lifestyle, which exposed her to the extent of religious leaders machinating her murder. Hypatia contributed research in the fields of philosophy, mathematics, geometry, astronomy, and was a woman ahead of her time, because at that time women were not academic, political and religious speech, or could not contribute in the above areas. The philosopher had great influence and renown in the city of Alexandria which was exercised through political relations, for example, with Mayor Orestes and students of the city, as Synesius of Cyrene, who became bishop years later. Even in troubled times Hypatia faced adversity imposed by the new policy, thus could contribute academically, but the price was her death. From the example of Hypatia, it is possible to analyze the historical context in which she lived and so do a representation of gender in Late Antiquity.

Keywords: Hypatia, Alexandria, Christianity, gender, Late Antiquity.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo 1 – O círculo pessoal e social de Hipácia	11
1.1 Apresentando Hipácia de Alexandria	11
1.2 Os últimos anos da vida de Hipácia de Alexandria e sua morte em 415	12
1.3 Os estudos de Hipácia de Alexandria	19
1.4 Os alunos de Hipácia.....	21
Capítulo 2 – Um breve contexto histórico e religioso do Império Romano.....	25
2.1 A igreja cristã no Império Romano	25
2.2 A relação de Hipácia com as religiões predominantes em Alexandria.....	30
Capítulo 3 – Hipácia e uma representação de gêneros.....	33
3.1 Comparativo entre as mulheres da Antiguidade Tardia e Hipácia de Alexandria	33
Considerações finais	41
Referências bibliográficas	42

INTRODUÇÃO

Para entender os motivos pelos quais Hipácia¹ foi assassinada de forma tão violenta, é necessário tratar de duas esferas muito importantes, as quais acabam se misturando. A primeira é a esfera política, porque fica claro à medida que os fatos vão se revelando que Hipácia foi assassinada por uma manobra política liderada pelo patriarca Cirilo².

O segundo aspecto o qual deve ser ressaltado é o da religião. Em uma sociedade onde o cristianismo estava se difundindo cada vez mais, Hipácia que não tinha um modo de vida cristão, e não escondia esse fato e por ser influente e respeitada, é possível chegar à conclusão de que a filósofa tinha inimigos fortes os quais atentariam contra ela, seja tentando desmoralizá-la ou, como de fato aconteceu, atentando contra sua integridade física, levando-a à morte.

Depois de lançar o olhar sobre a política e a religião da época, também é possível, através dessa investigação, justificar porque Hipácia de Alexandria³ se tornou uma das filósofas mais lembradas com o passar do tempo e porque ela pode ser considerada uma figura importante para se pensar nas relações de gênero na Antiguidade Tardia.

Para chegar à conclusão de que Hipácia foi uma mulher que fez a diferença na Antiguidade Tardia, esse trabalho se divide em seis etapas. A primeira etapa consiste em contextualizar a época em que Hipácia exerceu suas atividades em Alexandria, para que possamos entender o que acontecia na cidade e os motivos pelos quais a filósofa se sobressaiu.

A segunda etapa visa esclarecer os interesses e a área de atuação da filósofa, na filosofia e nas áreas em que ela se dedicou. Na terceira etapa a Igreja Cristã entra em cena, e é

¹Há duas traduções possíveis para o nome Hipácia. A forma Hipácia e a forma Hipátia, que é usada por Maria Dzielska em sua obra, *Hipátia de Alexandria*. Nesse trabalho usaremos Hipácia. “Seu nome deriva da palavra grega *hýpatos*, que significa ‘o mais elevado’ ou ‘o maior’ (VRETTOS, 2005, p. 253).

²Bispo ou patriarca Cirilo. Os bispos das grandes cidades de Alexandria, Antioquia, Constantinopla e Jerusalém começaram a ser chamados de patriarcas quando com o crescimento do cristianismo, as organizações eclesiásticas começaram a se confundir com as imperiais. O bispo é como um protetor da cidade (CAETANO, 2000, p. 166).

³A cidade era eminentemente cosmopolita. Fundada por rei grego e organizada como *polis* grega, abarcava todavia grande número de egípcios nativos dentro de sua população, assim como imigrantes do mundo inteiro. Esses traziam consigo seus deuses e suas deusas para se juntarem aos deuses gregos e egípcios já adorados aí; entre estes estava o deus Sarápis, um deus sincrético que combinava a natureza do deus egípcio Osíris com a aparência externa de um deus-pai grego. A cidade era também um dos mais importantes portos do mundo. Daí partiam navios de cereais levando trigo egípcio para Roma, assim como linho e bens de luxo egípcios. E traziam em troca todos os produtos do mundo para Alexandria (STAMBAUGH; BALCH, 1996, p. 152).

explicada como se portavam os cristãos da época e o Império Romano em sua fase cristã, tendo em vista que o cristianismo se tornou a religião oficial do Império.

Na quarta etapa investiga-se a relação de Hipácia com as religiões, não apenas com o cristianismo, mas também com o judaísmo. Assim podemos compreender porque o modo de vida de Hipácia e as pessoas religiosas de sua cidade era paradoxal. Acima de tudo, podemos compreender a possível reprovação da conduta de Hipácia por parte dessas pessoas e porque isso se tornaria perigoso para a filósofa.

Na quinta etapa é definido o círculo de Hipácia, onde fala-se sobre Sinésio de Cirene e Orestes, entre outros nomes de alunos da escola de Hipácia. E por fim, na etapa final, são elencados os motivos pelos quais a professora alexandrina se sobressaiu em Alexandria no século IV e V.

Através das leituras sobre a vida de Hipácia de Alexandria, as representações de gênero parecem ser muito evidentes, e embora complexas, não podem ser ignoradas, já que é possível fazer a relação do modo de vida de Hipácia com elas.

Após uma investigação sobre o contexto histórico do Império Romano, sobre as religiões que estavam em conflito, e ver a dificuldade de afirmar categoricamente certos pontos por falta de bibliografia, devido a dificuldade de encontrar, ou porque não existem, como os materiais escritos de Hipácia, é preciso tomar partido de algumas questões com um pouco mais de segurança.

Por exemplo, o leitor verá na presente monografia que o patriarca Cirilo, de acordo com algumas fontes é inocentado e em outros momentos é indicado como o assassino de Hipácia, quem tramou todo aquele horror contra a filósofa. Depois de analisar os fatos, podemos concluir que apontar Cirilo como o responsável pelo que aconteceu é a hipótese mais plausível.

Após essa breve investigação, vimos que seria extremamente complicado justificar as atitudes de Hipácia através do feminismo, porque o movimento não surgiu na Antiguidade Tardia, ou seja, na época da importante professora alexandrina. Seria um olhar projetado sobre o passado, uma leitura válida, porém dificilmente justificável, por ser fortemente anacrônica. Por questões metodológicas, a proposta foi repensada e foi decidido que seria mais prudente tratar a questão sob o viés das representações de gênero, por parecer mais exata e menos carregada de anacronismos.

CAPÍTULO 1 – O CÍRCULO PESSOAL E SOCIAL DE HIPÁCIA

1.1 APRESENTANDO A FILÓSOFA HIPÁCIA DE ALEXANDRIA

Não é possível datar com exatidão o ano de nascimento da filósofa e, por conseguinte, também não é possível afirmar com certeza quantos anos ela tinha no ano de sua morte em 415 d.C. No entanto, o ano que é mais aceito como ano de seu nascimento é 370 d.C., onde podemos concluir que ela tinha 45 anos quando morreu.

Hipácia era filha de Téon, um grande matemático de Alexandria e grande nome da ciência do século IV. Desde muito nova já demonstrou interesse pelos estudos do pai, porém, não estudou apenas as matérias que Téon se dedicava, ela também se aprofundou na filosofia.

Desde pequena estudou com o pai, e também filosofia e matemática, na universidade. Aluna brilhante, mais tarde ajudou o pai com os volumosos escritos de sobre Euclides e Porfírio. Depois de lecionar na cidade por longo período, no ano de 400 ela foi reconhecida como responsável pelos estudos neoplatônicos. Alunos de todos os cantos do mundo queriam assistir às suas aulas. Além de sua inteligência fulgurante, sua eloquência e rara beleza eram notáveis. Uma lenda em seu tempo. (VRETTOS, 2005, p. 253).

Téon foi um grande matemático que era associado ao Museu de Alexandria. Diferentemente da filha que se destacou pela filosofia e matemática, ele se destacou somente por esta última, pois não há fontes que testificam que ele era um filósofo. Outro interesse que Hipácia e seu pai tinham em comum era a astronomia. (RIST, 1965, p.215-216).

É possível afirmar que por causa da criação que Téon deu à sua filha e o meio que ela viveu, Hipácia recebeu a melhor educação disponível em Alexandria. Apesar de dedicar-se a tantas matérias além da filosofia e da matemática, nenhum de seus escritos sobreviveram ao tempo, nada foi conservado. Em *A Biblioteca de Alexandria*, Derek Adie Flower afirma categoricamente que um dos motivos pelos quais a figura de Hipácia não ganhou tanto destaque como outros filósofos alexandrinos, é o fato de ela não ter criado nada e de ter feito apenas comentários sobre filosofias já existentes (FLOWER, 1999, p.188).

Essa afirmação é problemática porque nenhum dos trabalhos escritos por Hipácia estão disponíveis, e há evidências de que ela foi uma inventora importante da ciência. Ela criou vários equipamentos científicos, entre eles o hidrômetro⁴. (MERRITT, 1991, p.235). É provável que o próprio Cirilo, tantas vezes acusado de causar a morte de Hipácia, também

⁴ Através das correspondências de Sinésio para sua professora, percebe-se que Hipácia dedicava muito do seu tempo à ciência e também compartilhava esse interesse com seus alunos. Por exemplo, na carta 15 de Sinésio para Hipácia, ele descreve o hidrôscópio de que tanto ele precisava e é possível supor que Hipácia sabia construir esse aparelho.

tenha sido responsável pela destruição do material escrito da filósofa. (VRETTOS, 2005, p.254).

Hipácia era muito querida por seus alunos⁵, especialmente por Sinésio de Cirene, com quem aparentemente ela manteve uma relação mais próxima. Ao ler as cartas que ele escrevia para ela, é possível perceber a forma carinhosa e gentil que ele sempre se referia à sua amiga. Sinésio sempre falava da saudade que sentia de sua professora e do tempo no qual ele podia estar perto da filósofa e ver as aulas ministradas por ela⁶.

To the Philosopher. I am dictating this letter to you from my bed, but may you receive it in good health, mother, sister, teacher, and withal benefactress, and whatsoever is honored in name and deed. (Carta 16 – tradução de A. Fitzgerald).

No tocante à filosofia, de acordo com a Suda⁷, Hipácia dava aulas públicas sobre Aristóteles, Platão e outros filósofos. Sócrates Escolástico, um historiador da igreja do século V,⁸ afirmava que Hipácia entrou em contato com o pensamento platônico através de Plotino⁹. (SUDA *apud* RIST, 1965, p.216).

1.2 OS ÚLTIMOS ANOS DA VIDA DE HIPÁCIA EM ALEXANDRIA E SUA MORTE EM 415

A morte de Hipácia de Alexandria é usada, na maioria das vezes, para levantar um testemunho acusador contra a igreja cristã. Edward Gibbon, em seu livro, *Declínio e Queda do Império Romano*, coloca o patriarca Cirilo numa posição de vilão.

Cirilo em breve inspirou, ou aceitou, o sacrifício de uma virgem que professava a religião dos gregos... Hipátia, filha de Téon, o matemático, iniciara-se nos estudos de seu pai; os seus comentários eruditos elucidavam a geometria de Apolônio e Diofante, ao mesmo tempo que ela se consagrava ao ensino público, em Atenas e Alexandria, da filosofia de Platão e Aristóteles. Na plenitude da sua beleza e com a maturidade de seu saber, a modéstia da jovem recusava os seus pretendentes amorosos e instruía os seus discípulos; as personalidades mais ilustres pela condição ou pelo mérito sentiam-se impacientes por visitar a filósofa; e Cirilo observava com olhos invejosos as esplêndidas comitivas dos que se dirigiam à academia para

⁵ “ela era uma respeitada e eminente professora de Alexandria, carismática e amada por seus pupilos, por exemplo, Sinésio de Cirene. Há evidências de que ela era muito bonita e que usava um traje acadêmico distinto e que ela não ensinava só matemática, mas também filosofia. Dava aulas públicas e que ela podia ter algum tipo de cargo oficial de professora” (DEAKIN, 1994, p.236).

⁶ Na carta 16, endereçada à filósofa, com o título de “Uma despedida”, Sinésio já a saúda chamando-a de mãe, irmã e professora.

⁷ A Suda é uma enciclopédia do século X.

⁸ O Sócrates Escolástico era um historiador da Igreja do século V.

⁹ Há fontes que atestam que Plotino nasceu no Egito, porém não é certeza. Porfírio, na Vida Plotino, não fala o local de nascimento do filósofo (MACCOULL, 1999, p.330).

escutar, e cujos cavalos e escravos se apinhavam à porta daquela. [...] (GIBBON *apud* DZIELSKA, 2009, p.33).

Antes de Cirilo se tornar o patriarca de Alexandria, quem ocupava esse cargo era seu tio, o patriarca Teófilo¹⁰. Assim como seu sobrinho, Teófilo também não era tolerante com os pagãos da cidade de Alexandria. Empreendeu vários atentados contra os pagãos, seus templos e seus objetos de estudo¹¹.

Até o ano de 412, quando o bispo Teófilo morreu, Hipácia não tivera nenhum problema com relação a seus ensinamentos para seus alunos ou com relação à maneira que ela levava sua vida particular.

Parecia haver maior tolerância com práticas contrárias ao cristianismo, no entanto, o que na verdade acontecia era uma trégua temporária, o que não quer dizer que não havia uma tensão e uma insegurança entre as pessoas. Se de um lado os pagãos continuavam com seus cultos e estudos, o crescimento da Igreja e da doutrina cristã também eram notórios.

Os ataques de Teófilo aos templos se acalmaram depois do ataque ao Serapeum, e uma paz constrangedora reinou na cidade por uns vinte anos entre os clérigos e os acadêmicos, cada qual vigiando o outro, enquanto o bispo embarcava em uma fúria de construção de igrejas e maquinações internacionais. (FLOWER, 2002, p. 181).

O patriarca Teófilo, como se sabe, não parece ter sido simpatizante das práticas pagãs, mas mesmo com sua postura autoritária, não foi tão intolerante como o seu futuro sucessor¹². Mas tudo mudou quando Teófilo morreu e seu sobrinho, Cirilo, se tornou o bispo de Alexandria, que segundo fontes era extremamente ambicioso e ávido por poder (DZIELSKA, 2009, p. 99).

A questão é que o novo patriarca de Alexandria tomou como missão a purificação da fé na cidade. Ele foi contra grupos inteiros que praticavam atividades não ortodoxas, como os

¹⁰ Noventa bispos egípcios reconheciam a autoridade do patriarca de Alexandria, cujo poder quase rivalizava com os faraós e Ptolomeus. Alguns desses patriarcas eram políticos eclesiásticos de caráter nada louvável, como Teófilo, o qual incendiou o templo e a biblioteca pagã de Sérápis (389). (DURANT, 2002, p.55).

¹¹ Em 385 d.C, o ambicioso e fanático Teófilo se tornou patriarca de Alexandria. Isso aconteceu durante o reinado de Teodósio, um imperador que lançou um ataque generalizado contra o paganismo por todo o império, que culminou em um edito em 391 sancionando a destruição de todos os locais de culto não-cristãos. Imediatamente, Teófilo, apoiado por tropas imperiais, levou uma multidão de cristãos exaltados ao Serapeum e desferiu pessoalmente o primeiro golpe na estátua de Sérápis. Seus seguidores entenderam isso como um sinal para saquear e destruir tudo o que estivesse ao alcance de mão e não se limitaram ao templo. Prosseguiram com a destruição também da Biblioteca Filha, que havia sido o cerne da sabedoria alexandrina por uns bons quatro séculos. O que restou do templo de Sérápis foi então consagrado como uma igreja, enquanto a Biblioteca praticamente cessou de existir como centro de estudo. (FLOWER, 2002, p.180).

¹² A administração da Igreja estava diretamente sob a autoridade do Imperador e do Patriarca. A hierarquia da Igreja muitas vezes se confundia com a do palácio, sendo que clérigos eram chamados para participar em cargos do Estado (CAETANO, 2000, p. 166).

novicianos. Após expulsá-los da cidade e destruir seus objetos de culto, Cirilo começou então uma implacável perseguição contra os judeus¹³. (DZIELSKA, 2009, p. 100).

Mas o patriarca¹⁴, que é descrito como uma pessoa autoritária, manipuladora e invejosa, nesse impulso de perseguir os judeus residentes em Alexandria, acabou piorando ainda mais os ânimos na cidade, que há muitos anos já estava em um clima tenso e inseguro por motivos religiosos¹⁵.

Sócrates Escolástico, faz uma narração muito importante para entender o clima de guerra presente na cidade por conta das brigas entre os líderes religiosos e seus seguidores. Em um sábado, um grupo de judeus de Alexandria estava num teatro assistindo a apresentações. Cirilo apontou um dado importante da própria lei judaica para exortar a população contra os judeus. De acordo com a própria Torá¹⁶, os judeus não poderiam estar em um evento fora do templo porque o sétimo dia da semana é um dia reservado ao descanso¹⁷.

¹³ Entre a população cosmopolita existia um número considerável de judeus, que ocupavam mais de uma das cinco regiões em que se dividiam a cidade. A sinagoga central era fabulosamente grande, e os judeus estavam empenhados em quase todo o tipo de trabalho na cidade. Sua proeminência os levou à atenção de seus vizinhos pagãos, e a animosidade estourou em séria violência em 38 d.C. (STAMBAUGH; BALCH, 1996, p.152). Porém, essa perseguição movida contra os judeus já acontecia bem antes da época de Cirilo como patriarca de Alexandria. Com a conversão de Constantino ao cristianismo, a vida se tornou mais complicada não apenas para os pagãos, mas para os judeus também. Antes da sua conversão, Constantino havia colocado a religião dos judeus em pé de igualdade legal com a de seus súditos. Depois da sua conversão, os judeus foram oprimidos com novas restrições exações e os cristãos proibidos de se associarem com eles. Constantino baniu os rabinos (337) e tornou crime capital o casamento de um judeu com uma mulher cristã. (DURANT, 2002, p.313). Toda essa intolerância se tornou um pouco mais branda no reinado de Juliano, que era sobrinho de Constantino, tanto para os judeus, quanto para as várias formas de paganismo existentes no século IV. O paganismo assumiu muitas formas no século IV: mitraísmo, neoplatonismo, estoicismo, cinismo e cultos locais a deuses dos campos ou das cidades. O mitraísmo havia perdido terreno, porém o neoplatonismo constituía ainda uma força na religião e na filosofia. (DURANT, 2002, p.9). No reinado de Juliano, que foi um imperador oponente ao cristianismo, o judaísmo conseguiu novamente um espaço no Império Romano, eles até ganhavam apoio financeiro para reconstruir seus templos, mas com a súbita morte desse imperador, as coisas voltaram a ser como antes, difíceis. E então ocorreu a morte súbita de Juliano. Os fundos estatais foram suspensos; as velhas leis restritivas foram postas em vigor e tornadas mais severas. E os judeus, de novo excluídos de Jerusalém, voltaram a suas aldeias, a sua pobreza e as suas preces. Logo depois Jerônimo relatava que a população judaica da Palestina “não passava de um décimo da anterior”. Em 425, Teodósio II aboliu o patriarcado da Palestina. Igrejas greco-cristãs substituíram as sinagogas e escolas; e depois de um breve renascimento em 614, a Palestina renunciou à hegemonia do mundo judeu. (DURANT, 2002, p.314).

¹⁴ Não são todas as fontes que indicam que o bispo de Alexandria, Cirilo, foi responsável pela morte da filósofa. A maioria das fontes acusa Cirilo, mas não há provas conclusivas de que ele teve participação na morte de Hipácia, embora tudo leve a crer que sim.

¹⁵ Do fim do século 2 até o início do século 5, Alexandria se tornaria um campo de batalha de conceitos e crenças religiosas conflitantes, e não só em termos acadêmicos. (FLOWER, 2002, p.135).

¹⁶ A Torá corresponde aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Esses livros escritos por Moisés constituem a Lei judaica.

¹⁷ Solicitava-se então ao judeu piedoso a falar o menos possível, não acender fogo em sua casa e passar algumas horas na sinagoga, em oração. Um longo tratado discutia com exagerada minúcia exatamente o que podia e o que não podia ser feito no Sabá (sábado). (DURANT, 2002, p.322).

Aparentemente os judeus de Alexandria costumavam transgredir essa regra e fazer outras coisas que não as que devem ser feitas no dia do sábado.

O prefeito Orestes, em um desses sábados, compareceu ao teatro para anunciar uma série de atividades que seriam desempenhadas naquele mesmo local. Mesmo com a presença do prefeito, os cristãos e judeus começaram uma discussão.

Durante o discurso de Orestes os judeus gritaram que havia agentes de Cirilo entre a audiência, agentes que tinham sido enviados para semear a desordem e contrariar a ação do enviado do imperador à cidade. O prefeito, que acabara de intervir no sentido de instaurar serenidade e ordem em Alexandria, sentiu-se desconcertado pela agitação e decidiu-se a ouvir os agravos dos espectadores judeus. (DZIELSKA, 2009, p. 100).

Orestes, prefeito de Alexandria e pessoa muito próxima de Hipácia, já havia percebido que as atitudes de Cirilo só pioravam cada vez mais os ânimos na cidade, como a investida dele contra os novicianos,¹⁸ que haviam sido expulsos de Alexandria por Cirilo antes mesmo de esse começar sua perseguição contra os judeus.

Os próprios judeus acusavam o prefeito de ser condescendente com Cirilo e exigiram que ele tomasse uma atitude (VRETTOS, 2005, p.255). Eles relataram que havia um professor de Alexandria chamado Hierax, que na verdade era um agente do patriarca Cirilo. Os judeus rogavam a Orestes que ele destituísse Hierax de seu cargo. Orestes então ordenou a prisão do Hierax, que foi preso e torturado. (DZIELSKA, 2009, p.100).

O fato é que ele realmente prestava serviços ao patriarca, a acusação dos judeus tinha sentido. Cirilo, ao saber do ocorrido com Hierax, ficou furioso com o prefeito Orestes por ter consentido no ocorrido. O Bispo de Alexandria convocou dirigentes da comunidade judaica e fez uma série de ameaças, dizendo que eles sofreriam mais represálias se continuassem a perseguir os cristãos¹⁹. Isso causou ainda mais fúria nos judeus, que foram com ainda mais violência contra os cidadãos cristãos (DZIELSKA, 2009, p. 101).

Os judeus armaram uma cilada para seus oponentes. Durante uma madrugada, um grupo de judeus saiu pelas ruas de Alexandria gritando que a Igreja do Santo Alexandre estava em chamas. Os cristãos então, numa atitude desesperada para salvar a Igreja, correram

¹⁸ Os novicianos são descritos como um grupo inofensivo, assim como outros perseguidos por Cirilo. Eles foram expulsos da cidade sem nenhuma causa aparente, apenas porque Cirilo decidiu que fosse assim (VRETTOS, 2005, p. 254).

¹⁹ Não era perigoso apenas para os pagãos viverem em um Império Romano cada vez mais dominado pelo cristianismo. Os judeus também eram muito oprimidos pela Igreja. Os judeus pensavam na salvação antes em termos de nação do que em termos individuais. Corrido através da terra como uma dureza aparentemente irracional, eles se fortaleceram com a crença de que constituíam ainda o povo eleito e favorito de Deus. Ele era seu pai e um Deus justo; não podia ele quebrar sua aliança com Israel. (DURANT, 2002, p.320).

para tentar conter o fogo e ao entrar nas instalações do templo, foram apedrejados pelos judeus que os aguardavam.

O patriarca, que ficou furioso com o assassinato em massa de tantos cristãos, ordenou uma série de saques aos judeus e expulsou-os da cidade. Um grande número de judeus saiu de Alexandria, o que foi bom para Cirilo porque isso diminuiu a oposição ao poder da Igreja. Quanto menos pessoas não cristãs na cidade, melhor era para ele. (DZIELSKA, 2009, p.101).

Isso fez com que Orestes se sentisse ainda mais indignado com a postura tirânica do patriarca, porque era muito claro que ele só queria diminuir a oposição à Igreja dentro de Alexandria. Quanto mais poderosa fosse a instituição, mais conveniente era para Cirilo, pois isso o deixava mais poderoso. (DZIELSKA, 2009, p.101).

Cirilo ainda tentou uma reconciliação com o prefeito Orestes, mostrando-lhe passagens do Novo Testamento, porém Oreste não se deixou levar por esse tipo de pressão que o bispo tentou exercer, pois apesar do governador ser cristão²⁰, ele não era contrário a outras visões alheias ao cristianismo. (DEAKIN, 1994, p.235).

Cirilo, para se vingar de seu oponente Orestes, fez com que quinhentos monges²¹ saíssem de seus refúgios em Nítria e fossem confrontar o prefeito da cidade de Alexandria. Eles o acusavam de paganismo, e apesar das defesas de Orestes contra eles, afirmando que na verdade ele era cristão, eles não acreditaram. Começaram a jogar pedras contra o prefeito de Alexandria, que foi atingido na cabeça e sangrando muito, foi socorrido por pessoas que estavam na rua naquele momento, provavelmente outros cristãos (VRETTOS, 2009, p.255).

Um dos monges que acertou Orestes com suas pedradas foi Amônio²², que foi preso e condenado a morte por ter agredido o prefeito (DZIELSKA, 2009, p.102).

A conversão de Orestes ao cristianismo provavelmente foi uma jogada política, pois sabe-se que muitas pessoas residentes no Império se convertiam ao cristianismo apenas por conveniência, oportunismo e até por segurança, uma vez que não ser cristão era algo que se

²⁰ Provavelmente Cirilo mostrou para Orestes passagens do Novo Testamento que falavam da condição submissa que as mulheres deveriam ter. Por exemplo, nas cartas que Paulo escreveu a Timóteo, ele diz não permitir que as mulheres ensinem e que elas devem aprender caladas. “Da mesma sorte, que as mulheres em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso. Porém com boas obras (como é próprio às mulheres que confessam ser piedosas). A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio. 1 Timóteo 2. 9-12”. Hipácia, obviamente, não seguia esse modo de vida, até porque ela não era cristã.

²¹ Os monges, do grego *monakhos*, que significa solitário, visam dedicar suas vidas aos ensinamentos de Jesus e por isso optam por afastar do mundo vivendo na solidão (MEDEIROS, 2009, p. 224).

²² Cirilo ordenou que o corpo de Amônio fosse levado em procissão solene até a catedral. Amônio passou a ser chamado de “Taumásio” (o Maravilhoso), e sua tumba foi decorada com os troféus dos mártires (VRETTOS, 2009, p. 255)

tornara perigoso²³. Além disso, como Orestes tinha uma vida política, ele precisava da aprovação da população, que cada vez mais se tornava cristã. Sabe-se, além disso, que ao chegar em Alexandria, Orestes sofreu perseguições movidas pela Igreja Cristã e que provavelmente se abrandaram após sua conversão²⁴.

Assim como Sinésio de Cirene²⁵, Orestes era muito próximo a Hipácia, eles sempre eram vistos juntos e é provável que ela o aconselhasse em assuntos da administração da cidade. Com o tempo, começou a ser difundido, possivelmente por Cirilo e seus seguidores, que Hipácia era uma má influência sobre Orestes, que por causa da amizade do prefeito com a professora, ele não fazia mais suas orações e estava fraco na fé²⁶. Acusavam Hipácia de tentar propagar o ateísmo na cidade (VRETTOS, 2009, p.254).

Talvez, movido pela inveja que sentia por Hipácia, Cirilo há muito já espalhava mentiras sobre ela. Dizia que ela era uma feiticeira, que estava envolvida com obras demoníacas. E Hipácia, apesar de ter como principal ocupação as suas aulas e seus estudos, ficou com essa imagem distorcida, porque as pessoas pouco sabiam de que realmente se tratavam os seus estudos²⁷. O estudo da matemática, por exemplo, podia ser mal interpretado dependendo da época na qual é realizado (RIST, 1965, p. 216)²⁸.

Hipácia ganhava importância na cidade e graças ao apoio dela, Orestes pôde formar uma espécie de partido político, tendo também o apoio dos judeus (Dzielska, 2009, p.103). Todos viam que o prestígio de Orestes aumentava, ele conseguia aliados e isso claramente

²³ Em grande quantidade, os habitantes do Império desejam tornar-se cristãos por oportunismo, embora rejeitem as exigências morais do batismo. (COMBY, 1993, p. 79).

²⁴ Orestes era pouco conhecido, chegara recentemente à Alexandria e sofria constantemente perseguições empreendidas pela Igreja. (DZIELSKA, 2009, p.101).

²⁵ O próprio Sinésio de Cirene passou um tempo afastado do cristianismo depois que estudou em Alexandria com Hipácia, mas ao se casar com uma mulher cristã, firmou-se definitivamente na fé cristã e se tornou bispo (DURANT, 2002 – p.55).

²⁶ De fato, existe a possibilidade do patriarca Cirilo ter inflamado a população contra Hipácia apenas para eliminá-la como sua inimiga pessoal, afinal, sabemos que o cargo de patriarca conferia a Cirilo muito poder e influência. No entanto, devemos trazer à memória algumas atribuições importantes do cargo de patriarca de uma cidade, lembrando também que em Alexandria, o patriarca também era chamado de bispo. “O bispo tinha a incumbência de proteger a cidade fazendo obras, demonstrando liderança (inclusive organizando a defesa militar da cidade) e principalmente zelando pela fé de seu rebanho. O poder imperial, como mostra a legislação compilada por Justiniano, delegava ao bispo o poder de supervisão de assuntos administrativos, financeiros e estatais. Os bispos e os patriarcas funcionavam como balança moral das atividades do Estado. Os bispos também podiam relatar abusos, o que os colocava numa posição delicada, já que dependiam tanto dos poderosos (recursos e doações) como da sua congregação (legitimidade e eleição)”. (CAETANO, 2000, p. 167). Se a intenção de Cirilo foi colocar a filósofa em perigo causando o ódio das pessoas por ela, ele poderia simplesmente alegar em sua defesa que, na verdade, ele estava protegendo a fé das pessoas, já que Hipácia também era influente e uma mulher abertamente pagã.

²⁷ Esse foi um ponto chave na morte de Hipácia, as pessoas tinham uma imagem distorcida dela, o que resultou no medo que as pessoas provavelmente sentiam dela (DZIELSKA, 2009, p.106).

²⁸ A Igreja proibia terminantemente o estudo da astrologia na Antiguidade e na Idade média. A Igreja condenou a feitiçaria, a astrologia e a profecia, porém isso se encontrava muito na literatura medieval, assim como na literatura antiga [...](DURANT, 2002, p. 67).

preocupava o bispo de Alexandria. O que complicava mais ainda a situação de Cirilo é que os partidários de Hipácia e Orestes eram em alguns casos também cristãos. Orestes era cristão, representante de um estado cristão e tinha aliados da elite cristã. Hipácia tinha influência para além de Alexandria, o que era preocupante para Cirilo²⁹.

É evidente que a posição determinada assumida por Orestes frente ao patriarca e às suas ações contava com o apoio de personalidade influentes, membros da classe dominante da cidade e da sua região. Um dos notáveis que o apoiou foi Hipácia – sua amiga desde o início da missão de Orestes em Alexandria. (DZIELSKA, 2009, p. 102).

O atentado contra Hipácia ocorreu depois que os judeus foram expulsos da cidade por terem matado muitos cristãos no episódio do falso incêndio na Igreja do Santo Alexandre. Há várias versões de sua morte, entre elas a de Sócrates Escolástico e João de Nikiu.

De acordo com Sócrates Escolástico, quem liderou o ataque a Hipácia foi Pedro, o leitor, que provavelmente era um membro do clero. Em um dia de março de 415, durante a quaresma, Hipácia foi surpreendida por um grupo de cristãos fanáticos³⁰ quando voltava de seu cotidiano passeio pela cidade. Foi arrancada de sua carruagem, levaram-na para a igreja, onde a despiram e a mataram com cacos de cerâmica e depois seu corpo foi queimado numa pira de lenha.

Foi então que a inveja irrompeu contra essa mulher. Sucedia que ela passava muito tempo com Orestes, o que deu azo a calúnias que a condenavam entre gente ligada à Igreja, como se fosse culpada por Orestes não estar em termos amistosos com o bispo. Com efeito, alguns homens que proferiram iradamente contra ela a mesma acusação, e entre os quais se contava um certo Pedro (que desempenhava funções de leitor), seguiram em certa ocasião os movimentos da mulher que voltava para casa. Arrancaram-na da carruagem e arrastaram-na para o interior da igreja chamada Cesarion. Rasgaram-lhe as roupas e mataram-na depois com cacos de cerâmica [ostraka]. Quando acabaram de a esquartejar, dilacerando-a membro a membro, levaram o corpo para um lugar chamado Cinaron e aí o queimaram (SOCRATES ESCOLÁSTICO *apud* DZIELSKA, 2009, p.33).

²⁹ Embora se mantivesse afastada da Igreja, Hipácia sempre conversara livremente com os responsáveis civis da cidade, ou quando se cruzava com eles nas ruas, ou quando os recebia em sua casa. Nenhum representante eclesiástico a incomodara por isso ou comentara o seu modo de vida, que toda a gente conhecia. A sua independência política, que se revelava abertamente em lugares públicos, era respeitada. Sabia-se também que a sua sabedoria, erudição e autoridade induziam os governantes a buscar conselho junto a ela (DZIELSKA, 2009, p. 103).

³⁰ Os cristãos se viam no direito de cometer atos de violência contra as pessoas e os lugares pagãos. A aniquilação é completa a partir do século IV. De perseguidores, os pagãos passam a perseguidos e vice-versa. O poder do Estado, outrora a serviço do paganismo, está agora a serviço do cristianismo. Mas são as mesmas estruturas mentais que funcionam. Podia ser de outra maneira? Uma separação entre religião e Estado era inconcebível. A religião continuava sendo o fundamento e o alicerce da sociedade. Só a religião havia mudado. (COMBY, 1993, p.77).

João de Nikiu³¹, numa narração um pouco diferente da de Sócrates, diz que Pedro, um perfeito crente em Jesus Cristo, encontrou a pagã sentada numa imponente cadeira, provavelmente proferindo uma conferência. Ela foi levada por Pedro e outros cristãos até a igreja, despida e arrastada pela cidade acarretando sua morte. Coincidentemente ao registro de Sócrates, nesta versão de João de Nikiu, o corpo dela também foi queimado quando ela já estava morta.

Outro detalhe que as duas versões tem em comum é a participação, além de Pedro, de um grupo de cristãos muito violentos. Esses homens eram chamados de parabolanos³². E justamente eles foram postos contra Hipácia, eles não tinham ideia do que ela ensinava e nem sabiam se o que era dito sobre ela era verdade, provavelmente eles acreditavam e tinham medo da suposta prática de magia negra.

1.3 OS ESTUDOS DE HIPÁCIA DE ALEXANDRIA

Mesmo antes da época de Hipácia, Alexandria já tinha uma tradição no estudo da matemática. De lá veio, por exemplo, Diofanto (DEAKIN, 1994, p. 234)³³.

Como já é sabido, Hipácia de Alexandria não foi apenas uma filósofa neoplatônica. Ela, com a ajuda de seu pai, Téon³⁴, estudou matemática, geometria e ciências como astronomia³⁵. Não há indícios de que Téon tenha sido um filósofo, ao que parece, esse foi um interesse que apenas Hipácia desenvolveu.

Seu pai, Téon foi o autor de alguns trabalhos matemáticos e foi associado ao Museu de Alexandria; não há evidências de que ele era um filósofo, e foi tanto pela matemática, quanto pela sua atividade filosófica que Hipácia ganhou fama, como as cartas de Sinésio sugerem. De acordo com a Suda, ela

³¹ João de Nikiu é um dos detratores de Hipácia. Isso é perceptível na maneira como ele relata os fatos, pois dá a entender que Hipácia tinha uma postura altiva com relação ao seu ensino na cidade. Sem contar que ele chama Pedro, o leitor, de perfeito crente em Jesus Cristo, apesar da crueldade que o leitor empreendeu contra a filósofa.

³² Os parabolanos eram um colégio de jovens robustos a serviço da igreja de Alexandria, cuja tarefa consistia em recolher os doentes, os incapacitados e os sem teto da cidade, levando-os para hospitais ou casas de beneficência da Igreja. Mas as fontes revelam que desempenhavam também as funções de uma espécie de braço militar do patriarca de Alexandria, levando a cabo ações contra seus adversários em diferentes locais e situações. A maior parte de entre eles era ignorante e desprovida de instrução, mas obedecia aos seus dirigentes eclesiais; exaltados e fáceis de manobrar e provocar, reagiam com atos de violência aos estados de espírito populares em Alexandria, em 414 e 415. (DZIELSKA, 2009, p.112).

³³ Hipácia é cotada como a mulher cientista mais famosa da Antiguidade (ALIC, 1981, p.308).

³⁴ É possível que Téon tenha supervisionado de perto toda a formação acadêmica de Hipácia. Ele queria que ela se tornasse a melhor possível (ALIC, 1981, p.309).

³⁵ Téon de Alexandria, pai de Hipácia, foi a última pessoa conhecida por ter sido associada ao Museu de Alexandria. Ele gravou dois eclipses, um do sol e um da lua e alcançou grandes êxitos durante o reinado de Teodósio I. Ele deveria estar no auge de suas atividades em 360-370. Ele pode ter sido o último “presidente” do museu (DEAKIN, 1994, p. 234).

comentou os trabalhos matemáticos de Diofanto, um alexandrino do século III, e escreveu o “cânon astronômico” – provavelmente, como Tannery e Lacombrade sugerem, um comentário de Ptolomeu – e as Seções Cônicas de Apolônio. (RIST, 1965, p.216).

Hipácia dava aulas públicas³⁶ sobre Platão e Aristóteles, porém ela entrou em contato com a filosofia de Plotino através dos seus estudos de Platão. Hipácia é cotada como a primeira mulher matemática que temos mais registros de informações (DEAKIN, 1994, p.234). O interesse de Hipácia pela matemática provavelmente foi herdado de seu pai, Téon, outro grande matemático que se destacou no século IV³⁷.

Pelo motivo de os escritos acadêmicos de Hipácia não terem sido guardados, uma das maneiras mais eficientes de inferir o que ela lecionava, é o testemunho de seus alunos. Sabemos que ela ensinava matemática e geometria devido ao relato de Damáscio. E sabemos também que Hipácia superou seu pai no ensino da matemática, apesar de Téon ter sido um dos maiores matemáticos do século IV. Assim como o pai, Hipácia também era uma astrônoma excelente (WAITHE, p.173).

Na carta 15 de Sinésio, seu discípulo, onde ele fala do astrolábio, vemos que dispositivos científicos já eram usados na época, como o astrolábio e o hidróscópio (DIAS, p.305)³⁸. Já o astrolábio apesar de ter sido estudado por Hipácia, não foi criação dela e nem de Téon, há a possibilidade de o artefato ter sido inventado por Ptolomeu (DEAKIN, 1994, p. 237).

I am in such evil fortune that I need a hydroscope. See that one is cast in brass for me and put together. The instrument in question is a cylindrical tube, which has the shape of a flute and is about the same size. It has notches in a perpendicular line, by means of which we are able to test the weight of the waters. A cone forms a lid at one of the extremities, closely fitted to the tube. The cone and the tube have one base only. This is called the baryllium. Whenever you place the tube in a liquid, it remains erect. You can then count the notches at your ease, and in this way ascertain the specific gravity of the water (Carta 15 – tradução de A. Fitzgerald).

³⁶ Hipácia não dava aulas apenas para iniciados ou para discípulos próximos como Sinésio; ela tinha um tipo de posição pública, como Sócrates Escolástico e a Suda concordam, uma figura bem conhecida em Alexandria. (RIST, 1965, p.215).

³⁷ Onde Hipácia com certeza ofuscou Téon, seu pai, foi na atividade como professora. Ela foi reverenciada como tal, de uma forma que Téon não chegou a ser. Ela é vista como uma professora popular, carismática e versátil. E isso, eu sugiro, é a melhor imagem que podemos formar dela. (DEAKIN, 1994, p.242).

³⁸ O hidróscópio ou hidrômetro é um instrumento que media a densidade dos líquidos. É um instrumento baseado no aparato descoberto por Arquimedes. Ao que parece, Hipácia sofisticou o aparelho (ALIC, 1981, p.308).

Também podemos depreender das cartas de Sinésio que Hipácia dava aulas sobre os trabalhos de Platão e Aristóteles. Hipácia também lecionava sobre astronomia e matemática. Sabemos que Sinésio entrou em contato com essas filosofias através das aulas de Hipácia (WAITHE, p.173)³⁹.

Por meio da carta 137 de Sinésio para Herculiano, seu amigo e discípulo de Hipácia, concluímos que pessoas de todos os lugares vinham assistir às aulas de Hipácia. Em 393, data provável da ida de Sinésio para Alexandria e quando começaram suas aulas com a filósofa, Teodósio já havia proibido os cultos pagãos no Egito.

We have seen with our eye, we have heard with our ears the lady [Hypatia] who legitimately presides over the mysteries of philosophy. And if human interests join those who share them in a bond of union, so a divine law demands of us who are united in mind, which is the best part of us, to honor each other's qualities (Carta 137 – tradução de A. Fitzgerald).

Apesar de não ser comprovado que Hipácia passou algum tempo longe de Alexandria para estudar, é bem provável que tenha acontecido. É possível supor que Hipácia tenha estudado filosofia em Atenas. Porém não há evidências concretas de que tenha sido esse o caso (WAITHE, p.170). Hipácia pode ter tomado posse de seu cargo como professora após sua suposta ida à Atenas (ALIC, 1981, p.308).

De acordo com a Suda, Hipácia escreveu três trabalhos sobre a matemática. Porém não há indícios que ela tenha escrito algum trabalho sobre o neoplatonismo. Há um consenso de que ela escreveu um comentário sobre Diofanto, o cânon astronômico e um comentário⁴⁰ sobre as Cônicas de Apolônio (DEAKIN, 1994, p.237).

1.4 OS ALUNOS DE HIPÁCIA

Um dos alunos mais proeminentes da escola de Hipácia de Alexandria foi Sinésio de Cirene. É provável que ele tenha estudado na escola de Alexandria entre os períodos de 390 a 393 e 395 a 396⁴¹. Sinésio recebeu sua primeira educação em sua cidade, Cirene e depois estudou em Alexandria⁴², onde alcançou a maturidade de seus estudos. (MARTÍNEZ, 2004).

³⁹ Graças aos ensinamentos sobre neoplatonismo que Sinésio recebeu de Hipácia ele se tornou bispo (WAITHE, p.173).

⁴⁰ Comentários são o que hoje chamamos de Edições, com a diferença que na época eles eram copiados a mão (DEAKIN, 1994, p. 238).

⁴¹ Não se sabe ao certo em que ano Sinésio chegou a Alexandria. Mas é bastante difundido que foi antes do ano de 395 (MARTÍNEZ, 2009, p.403).

⁴² Os pais de Sinésio o enviaram para Alexandria porque na época a cidade era o maior centro cultural do Império Romano. De lá vieram, Panteno, Clemente e Orígenes (MARTÍNEZ, 2004, p.404).

Considerando que Hipácia realmente tenha nascido em 370, tendo assim 45 anos quando foi assassinada, os dois teriam a mesma idade, porque Sinésio também nasceu em 370 e morreu em 413, com 43 anos⁴³. Como ele era muito apegado à filósofa e a amava muito, saber da horrível morte de sua professora teria feito um mal muito grande a ele.

Ela tinha alunos tanto cristãos, como pagãos (RIST, 1965), pois esse era um costume nas escolas de Alexandria, os alunos não eram separados por credos. Alunos cristãos assistiam às aulas de professores pagãos e vice versa. Outras pessoas, que assim como Sinésio, tinham pretensões religiosas, frequentavam as aulas de Hipácia⁴⁴.

Mais interessante é o modesto bispo de Ptolemais, Sinésio. Nascido em Cirene, estudou matemática e filosofia em Alexandria com Hipácia. Foi até o fim da vida abnegado amigo dela, à qual chamava de “verdadeiro expoente da verdadeira filosofia”. Visitou Atenas, e foi lá confirmado no seu paganismo, mas, em 403, casou-se com uma dama cristã e galantemente aceitou o cristianismo. Ele considerou uma simples cortesia transformar a trindade neoplatônica de Uno, o *nous* e a Alma em Padre, Espírito e no Filho. Escreveu inúmeras cartas interessantes e alguns pequenos trabalhos filosóficos, dos quais nenhum é de valor hoje em dia, exceto seu ensaio *Elogio à Calvície*. (DURANT, 2002 – p.55).

Foi justamente nas aulas de Hipácia que Sinésio teve seu primeiro contato com a filosofia neoplatônica. Ele guardou por Hipácia um grande carinho até sua morte em 413. Como o material escrito de Hipácia não foi preservado, uma das fontes antigas mais confiáveis para conceber como eram suas aulas é o testemunho de Sinésio deixado em suas cartas, muitas das quais ele enviou para a própria filósofa.

No final da vida de Sinésio, aparentemente Hipácia já não respondia mais as suas correspondências, o que gerou nele uma profunda tristeza. Não se sabe ao certo o motivo do distanciamento de Hipácia, mas pode-se imaginar que a filósofa, por estar envolvida na disputa política entre Orestes e Cirilo, quis proteger Sinésio de possíveis represálias, pois ele fazia parte da Igreja (DZIELSKA, 2009)⁴⁵.

⁴³ Mas é difícil imaginar que assim seja, que os dois nasceram em 370 d.C. Na carta 16, intitulada Uma despedida, Sinésio se refere a Hipácia como mãe, irmã e grande professora. É difícil imaginar que sendo os dois da mesma idade, ele a chamaria de mãe.

⁴⁴ Como o cristianismo era uma religião douta, era necessário que a Igreja também atente para a formação dos fiéis, por conta da dificuldade da doutrina. Era natural que a igreja intentassem em construir escolas cristãs que rivalizassem com as escolas pagãs, no entanto, não obteve sucesso. Nenhuma dessas escolas com intenções religiosas foram tão influentes como as de origem puramente filosófica. A igreja antiga tinha plena consciência da importância de se formar um caráter douto no crente, portanto, permitiu que os jovens frequentassem a escola de caráter helenístico tradicional. Mestres cristãos com discípulos pagãos e vice versa, era um costume na segunda metade do século IV. Assim como na escola de Hipácia, onde ela, pagã, tinha alunos cristãos como Sinésio de Cirene (MARROU, 1975, p. 479-493).

⁴⁵ Aparentemente não foi apenas Hipácia que passou a não responder mais as cartas de Sinésio. Herculiano também se distanciou do bispo. Podemos depreender da carta 139, enviada a Herculiano, que Sinésio sentia falta do amigo. “Da minha parte, enquanto eu estava na sua companhia, você me encantou pelo doce tom da sua voz.

If I could only have had letters from you and learnt how you were all faring -I am sure you are happy and enjoying good fortune- I should have been relieved, in that case, of half of my own trouble, in rejoicing at your happiness. But now your silence has been added to the sum of my sorrows (Carta 10 – tradução de A. Fitzgerald).

Sinésio não apenas enviava cartas para Hipácia, mas para Herculiano, grande amigo que também estudou em Alexandria na escola da filósofa. Na carta 137, a filósofa de Alexandria é citada e podemos depreender que assim que Sinésio e Herculiano a conheceram ficaram encantados com a filósofa e seu grande talento como professora. Sinésio afirma nessa epístola que Hipácia legitimamente preside os mistérios da filosofia.

Sabe-se que muitos dos alunos de Hipácia alcançaram altos cargos no Império. Sinésio se tornou bispo e aparentemente Herculiano também desfrutou de uma posição privilegiada, tendo em vista que em uma de suas cartas, a de número 144, Sinésio pede a ele que interceda por um jovem que havia sido vítima de injustiça.

Outro aluno da escola de Hipácia que foi amigo da filósofa e de Sinésio foi Olímpio⁴⁶, um homem rico que aparentemente não era nascido em Alexandria. Na carta 98, Sinésio expressa a seu amigo como sente saudades do tempo em que morava em Alexandria e podia assistir às conferências de Hipácia e ver seus amigos. Olímpio e Sinésio mantiveram sua amizade por um bom tempo. Eles tinham interesses parecidos, como a caça. Olímpio, além de visitar Sinésio, mandava presentes. Quando houve o perigo de os bárbaros invadirem Cirene, que era a cidade de Sinésio, ele pediu a Olímpio que enviasse a ele um cavalo, arcos e flechas (Ep. 133).

Nas correspondências de Herculiano e Olímpio são citados os nomes de outros alunos de Hipácia, como Ision, que visitou Sinésio em Cirene e foi recebido como um membro da família (C.144). Era íntimo de Olímpio (C.98) e de Herculiano (C.144). Os três, Sinésio, Ision e Olímpio se conheceram em Alexandria quando frequentaram as aulas de Hipácia (MARTÍNEZ, 2004, p.415).

Outro amigo de Sinésio que também foi aluno de Hipácia foi Hesíquio, que assistia às aulas sobre geometria que a filósofa lecionava. Outros nomes também são citados, como o de

No entanto, eu não deveria me envergonhar de dizer a verdade, que mais doce seria o nosso segundo encontro. (Ep.139).

⁴⁶ Olímpio, assim como Sinésio, era um aluno de Hipácia e também um cristão. Ele tinha grande influência junto às tropas imperiais (MARTÍNEZ, 2004, p.414).

Alessandro, tio de Sinésio. Atanásio, Gaio, Teodósio e Teotecno, todos esses foram alunos de Hipácia.

Como é sabido, pessoas muito influentes frequentavam o círculo de Hipácia. Podemos citar o nome de Orestes⁴⁷. Orestes foi prefeito imperial de Alexandria e governador civil do Egito. Através dos relatos do Sócrates Escolástico, na História Eclesiástica, o prefeito consultava Hipácia sobre os assuntos da administração da cidade o que confirma o grande prestígio que gozava a filósofa. E essa informação ainda reforça os relatos de João de Nikiu ao acusar a filósofa de ser a responsável pelo enfraquecimento da fé de Orestes, porque ele estava sob a influência da professora alexandrina.

⁴⁷ Orestes era cristão e havia sido batizado pelo bispo de Constantinopla antes de ir para Alexandria ocupar seus cargos políticos (MARTÍNEZ, 2004, p.416).

CAPÍTULO 2 – UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO E RELIGIOSO DO IMPÉRIO ROMANO NA ANTIGUIDADE TARDIA

2.1 A IGREJA CRISTÃ NO IMPÉRIO ROMANO

Nos seus primeiros três séculos os cristãos sofreram uma perseguição atroz⁴⁸, porque, embora haja controvérsias sobre isso, eles eram acusados de serem os causadores do incêndio em Roma no ano 64 d.C. (MEDEIROS, 2009, p.219). No entanto, quando a Igreja obteve poder e liberdade, ela infringiu uma grande perseguição contra os pagãos. Mesmo com toda perseguição sofrida, os cristãos não se enfraqueceram.

Um dos motivos que é apontado como forte causa do crescimento do cristianismo é o Edito de Milão, que proibia terminantemente o encalço a qualquer uma das religiões existentes no Império. Outro grande fator que ajudou no crescimento do cristianismo foi o apoio dado pelo imperador Constantino⁴⁹. Sob o governo de Constantino, eles tiveram liberdade para construir templos e manter os que já existiam (MEDEIROS, 2009, p.223).

É importante notar que aos poucos a Igreja foi tomando cada vez mais partido dos assuntos do Estado⁵⁰, fazendo com que as autoridades eclesiásticas fossem vistas ao mesmo tempo como autoridades políticas⁵¹. Como Roma era a capital do Império Romano, exercia autoridade sobre os outros bispos.

Nascida nos quadros do Império Romano, a Igreja aos poucos ia preenchendo os vazios deixados por ele, até em fins do século IV se identificar com o Estado, quando o cristianismo foi reconhecido como religião oficial (por Teodósio, em 380). Consequentemente, a Igreja passava a ser a herdeira natural do Império Romano (FRANCO JR. *apud* MEDEIROS, 2009, p.224).

Outra mudança significativa que ocorreu no Império Romano com a conversão do Estado ao cristianismo é a intolerância religiosa que se instalou⁵². É sabido, que ao contrário

⁴⁸ Enquanto o cristianismo era considerado apenas uma seita dentro do judaísmo, eles não sofreram perseguições, não tinham problemas com os romanos (MEDEIROS, 2009, p.218).

⁴⁹ “A habilidade dos sacerdotes cristãos em fornecer respostas aos anseios da população ao conjugar elementos extraídos da cultura e do imaginário pagãos com os cânones da fé que professavam”, era um grande trunfo para o fortalecimento da instituição cristã nesse período (MEDEIROS, 2009, p.221).

⁵⁰ A ideologia do poder imperial era proveniente do classicismo romano e tinha sido profundamente remodelada pela cultura cristã e helenística do Império do Oriente. Os antigos soberanos romanos divinizados cederam lugar ao Imperador cristão escolhido por Deus (CAETANO, 2000, p.163).

⁵¹ A influência cristã era tamanha que depois que o cristianismo se tornou a religião oficial do Estado, uma das atribuições do imperador era proteger essa religião. Esse combate pela fé podia ser tanto contra os pagãos e os bárbaros, quanto contra as heresias (CAETANO, 2000, p. 163).

⁵² O Estado só interferia em questões de ordem religiosa quando elas pusessem em risco a ordem social romana (MEDEIROS, 2009, p.230).

do que ocorria antes da era cristã, o Império não reprimia as religiões, desse modo podendo promover uma diversidade grande, onde os filósofos podiam expressar suas opiniões livremente, sem medo de represálias (MEDEIROS, 2009, p. 230).

Através dos exemplos dos mártires, os cristãos antigos aumentavam sua fé, mesmo com o perigo que sofriam. Depois desses acontecimentos, quando a religião cristã passou a ser a oficial do Império Romano, os perseguidos passaram a ser perseguidores (MELLO, 1994, p. 164).

O surgimento do cristianismo mudou para sempre o modo de vida nas comunidades antigas⁵³.

Enquanto antigamente a religião, entre os povos da Grécia e da Itália, nada mais era do que um conjunto de práticas, uma sequência de ritos que se repetiam sem ter nenhum sentido, uma sequência de fórmulas que muitas vezes já não se entendiam porque a língua envelhecera, uma tradição que se repetia de geração em geração e que só tinha de sagrado a sua antiguidade, em vez disso, a religião foi um conjunto de dogmas e grande objetivo proposto à fé. A religião deixou de ser exterior: limitou-se sobretudo ao pensamento do homem. A religião deixou de ser exterior: se tornou espiritual. O cristianismo transformou no homem a natureza e a forma de adoração; o homem não voltou mais a dar a Deus alimento e bebida; a oração deixou para sempre de ser fórmula de magia, mas ficou sendo para o futuro ato de fé e de humilde súplica. A alma passou a manter outras relações com a divindade: o temor aos deuses foi substituído pelo amor a Deus. O cristianismo trouxe ainda outras inovações. Deixou de ser a religião doméstica de determinada família, a religião nacional de uma cidade ou de um povo. O cristianismo não pertence nem a uma casta, nem a uma corporação. Desde o início, chamou a si toda a humanidade. Jesus Cristo ensinava aos seus discípulos: “Ide e ensinai a todos os povos”. (COULANGES, 1999, p. 263).

É possível que a oposição de Cirilo contra Hipácia não fosse puramente religiosa, do contrário, ela não se sustentaria. Cirilo sendo um bispo da Igreja, autoridade máxima na Igreja alexandrina, saberia que os ensinamentos de Jesus Cristo não são de ódio e nem de violência, contra seja quem for, mulheres ou homens. Todavia, não é possível afirmar que a interpretação que ele tinha do cristianismo fosse essa, já que também não é correto ignorar o fato de que Cirilo, como patriarca, tinha o dever de defender a fé cristã na cidade (CAETANO, 2000, p. 167).

⁵³ Tal associação implicou, por um lado, a produção de uma identidade que poderíamos definir como romano-cristã e, por outro, a emergência de uma representação que concebe o “outro”, a alteridade, sob um crivo político-religioso. Essa representação, sustentada tanto pelo conjunto da legislação imperial recolhida no *Codex Teodosianus* quando por um repertório de textos eclesiásticos, apresenta como principal característica a intolerância manifesta contra os que se opõem ao credo professado pelos imperadores, a exemplo dos adivinhos, feiticeiros, heréticos e, no que nos interessa mais de perto, os judeus (MEDEIROS, 2009, p.230).

A postura de Cirilo, apesar de ser mal intencionada, na verdade era uma tendência da época. Com o crescimento do cristianismo, o paganismo estava sendo censurado e reprimido⁵⁴. Não havia mais a liberdade de outrora, aos poucos, com a mistura da igreja e do Estado⁵⁵, a vida do pagão se tornou cada vez mais difícil, porque alguns cristãos estavam determinados a dominar o poder⁵⁶.

Mas nem sempre houve essa intolerância religiosa na cidade de Alexandria. A cidade foi um centro cultural e especificamente no século III o cristianismo começou a ser a grande religião da cidade. Todavia, mesmo com essa predominância cristã, por algum tempo se manteve a paz. O Templo de Sérapis foi mantido e havia, por exemplo, vários judeus residentes na cidade (GILSON, 1998, p. 39)⁵⁷.

É muito provável que a própria Hipácia, assim como Orestes, acreditasse que a Igreja não podia ter tanto poder sobre a vida política nas cidades (DZIELSKA, 2009, p.103), o Estado deveria ser independente dessa influência religiosa. Porém, não era isso que acontecia em Alexandria e nem nas outras cidades do Império Romano, onde o cristianismo ganhava espaço e influência⁵⁸.

É possível que o conceito laicidade do Estado seja um conceito bíblico. O próprio Jesus Cristo, em uma ocasião onde o questionaram sobre se os judeus deveriam ou não pagar impostos ao Império Romano, faz uma separação entre Igreja e Estado, dizendo para que as pessoas deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus⁵⁹.

⁵⁴ O cristianismo foi apenas uma das religiões existentes no Império Romano, sem dúvida com princípios bastante diversos daqueles que veio a manifestar enquanto instituição. Seus princípios originais foram paulatinamente abandonados à medida que ascendiam em termos de poder. Como podemos testemunhar, isso tem ocorrido reiteradamente ao bel prazer daqueles que buscam justificativas para condutas violentas. Os princípios pregados por Jesus Cristo fazem referência à caridade, ao amor ao próximo, à humildade, etc., os quais, sabemos, foram esquecidos à medida em que a instituição adquiria poder e riqueza. Portanto, a postura cristã ao adentrar a Idade Média foi resultado do próprio comportamento dos clérigos que usavam a doutrina cristã para justificar sua empreitada visando a manutenção do status quo (MEDEIROS, 2009, p.233).

⁵⁵ Por vezes, havia a associação da figura do próprio imperador com a de uma divindade (MEDEIROS, 2009, p. 231).

⁵⁶ Contudo, no decorrer do século IV, a legislação se torna cada vez mais desfavorável à antiga religião. Por iniciativa própria – e frequentemente sob a pressão dos cristãos –, os imperadores paulatinamente proíbem os cultos pagãos. Algumas leis extraídas dos códigos podem ilustrar esse fato. Constantino proíbe certas práticas: a magia, a aruspicina (consultas das entranhas). Mais tarde, as proibições se ampliam e se tornam cada vez mais pesadas. Constâncio proíbe os sacrifícios, manda fechar os templos e decreta a pena de morte para os contraventores (356) (COMBY, 1993, p. 73 e 75).

⁵⁷ Mesmo com toda essa mistura de credos, havia uma influência forte no helenismo. O Antigo Testamento chegou a ser traduzido do hebreu para o grego (GILSON, 1998, p. 39).

⁵⁸ Mais que uma decisão voluntária dos responsáveis religiosos e políticos, trata-se de uma lenta impregnação da Igreja pelo meio cultural e jurídico em que está mergulhada. (COMBY, 1993, p. 72).

⁵⁹ Nos tempos antigos, a religião e o Estado formavam um todo; cada povo adorava o seu deus, e cada deus governava o seu povo; o mesmo código regulava a relação entre os homens e os deveres para com os deuses da cidade. A religião dominava o Estado e, pela voz da sorte ou dos auspícios, designava-lhe seus chefes: o Estado, por sua vez, intervinha no mundo da consciência de cada um e punia toda infração aos ritos e ao culto da cidade. Em lugar disso, Jesus Cristo ensina que o seu reino não é deste mundo. Separa a religião do Estado. A religião,

Fica claro que se a Igreja do Império Romano tivesse levado a sério a separação feita por Jesus Cristo, o poder de Cirilo diminuiria bastante e isso com certeza o incomodava⁶⁰. O fato de Hipácia ser tão próxima a Orestes, prefeito de Alexandria, colocava o patriarca em situação de risco, ela se tornou naturalmente sua adversária, não só por questões religiosas, mas políticas. Alexandria⁶¹ era uma cidade extremamente importante no Império, e como Cirilo era o bispo, ele tinha muita influência⁶².

Ressalta-se, que principalmente desde o século I, com o crescimento do cristianismo e a solidificação da Igreja, Alexandria era uma cidade muito importante, porque junto com outras, transformou-se em uma das principais cidades cristãs do Império.

No fim do século I, as comunidades cristãs organizaram as primeiras igrejas, termo que se originou do termo “*eclésia*”, que significava assembleia ou reunião. Cada igreja era dirigida por um bispo que, por sua vez, era auxiliado por sacerdotes e diáconos. Com a expansão do Cristianismo, Roma na Itália, Antioquia na Síria, Corinto na Grécia, Alexandria na Egito, Cartago na África e Lyon na Gália transformaram-se nas principais igrejas cristãs do Império Romano. (MELLO, 1994, p. 163).

Difícilmente especifica-se qual era a leitura que se fazia dos textos bíblicos na época dos acontecimentos narrados. Ainda assim é precipitado afirmar que Cirilo empreendeu todo aquele horror contra Hipácia por ele ser um cristão e isso ser algo “esperado de pessoas da Igreja⁶³”.

O que nos resta é a certeza de que os princípios cristãos não foram seguidos pela Igreja medieval. Talvez o principal mandamento descumprido possa ser aquele expresso nos evangelhos sinóticos de Mateus, Marcos e Lucas que relatam Jesus, ao ser indagado pelos fariseus, nos advertindo a dar “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22,21; Mc 12,17; Lc 20,25). (MEDEIROS, 2009, p. 234).

não sendo terrena, deixa de imiscuir-se nas coisas da terra. Jesus Cristo acrescenta: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Foi a primeira vez que se distinguiu tão nitidamente Deus do Estado. (COULANGES, 1999, p. 264).

⁶⁰ O bispo de Alexandria era um dos mais importantes, independente de quem fosse, porque a cidade era umas das mais importantes do Império. O bispo de Alexandria, além de ser uma figura religiosa importante, se tornava também uma figura política importante. (CAETANO, 2000, p. 161-169).

⁶¹ Característica da comunidade cristã em Alexandria: poucos sábios e muitos simples (GILSON, 1998, p. 43).

⁶² Como o número de bispos ia também crescendo, tornava-se necessário sujeitá-los a uma supervisão ou coordenação; já no século IV eram os arcebispos metropolitanos ou primazes que dirigiam os bispos e as igrejas de determinada província. Todo esse clero ficava subordinado aos patriarcas de Constantinopla, Antioquia, Jerusalém, Alexandria e Roma. Ao chamado de um patriarca ou de um imperador, os bispos e arcebispos reuniam-se em sínodos e concílios. (DURANT, 2002, p. 41).

⁶³ Ensinou-se mesmo aos povos que os homens descendem todos de um pai comum. Com a unidade de Deus, surge aos espíritos a unidade da raça humana, e desde então passou a ser necessidade da religião proibir o homem de odiar os outros homens. (COULANGES, 1999, p. 264).

O fato é que mesmo antes da época de Hipácia, a situação política no Império estava se tornando cada vez mais difícil para os pagãos. O cristianismo estava tomando espaço e quem não professava essa religião tinha uma vida mais complicada, porque o cristianismo estava fortemente ligado ao Estado àquela altura⁶⁴.

Para ter uma perspectiva da força do cristianismo no Império Romano, é interessante rever as decisões imperiais. Essas decisões eram sempre divulgadas em compilações, os famosos Códigos, onde era visto com clareza as intenções cristãs do Império.

O imperador Teodósio, em 380, falou diretamente do cristianismo em um Código. Pediu que todos os povos que estivessem sobre a autoridade do Império Romano se dedicassem a fé deixada pelo apóstolo Pedro. Chamou todas as pessoas não cristãs de loucas e insensatas e que estariam sobre o peso da heresia. Ele afirmou algo muito forte. Todas as pessoas não cristãs sofreriam o castigo dos céus por não serem cristãs e também sofreriam represálias do Império. Percebe-se que o cerco se fechava para os não cristãos⁶⁵.

Doze anos depois, em 392, as represálias que os pagãos sofreriam foram ficando mais claras. O Código imperial é claro ao afirmar que qualquer ato de culto que não se enquadre dentro dos ritos da religião oficial seriam interpretados como um ataque à religião do Império(*apud* Comby, 1993, pág.76). Em 392, a palavra religião era sinônimo de cristianismo. (Comby, 1993, p.76).⁶⁶

⁶⁴ Como o número de bispos ia também crescendo, tornava-se necessário sujeitá-los a uma supervisão ou coordenação; já no século IV eram os arcebispos metropolitanos ou primazes que dirigiam os bispos e as igrejas de determinada província. Todo esse clero ficava subordinado aos patriarcas de Constantinopla, Antioquia, Jerusalém, Alexandria e Roma. Ao chamado de um patriarca ou de um imperador, os bispos e arcebispos reuniam-se em sínodos e concílios. (DURANT, 2002, p. 41).

⁶⁵Do imperador Teodósio, Édito de Tessalônica, em 380. Desejamos que todos os povos que se encontram sob a branda autoridade de Nossa Clemência vivam na fé que o santo Apóstolo Pedro transmitiu aos romanos, que é pregada até os dias de hoje, como ele próprio a pregara, e que é seguida, como é do conhecimento de todos, pelo Pontífice Dâmaso e pelo bispo Pedro de Alexandria [...]. Decretamos que só terão direito de se dizer cristãos católicos aqueles que se submeterem a essa lei e que todos os outros são loucos e insensatos sobre os quais pesará a vergonha da heresia. Eles poderão contar, em primeiro lugar, com serem o objeto da vingança divina e, em seguida, com serem castigados também por nós, segundo a decisão que o céu nos inspirou. (*apud* Comby, 1993, pág.76).

⁶⁶ Não é possível datar com precisão a chegada do cristianismo à cidade de Alexandria, porém, por volta de 190, havia na cidade uma escola cristã, cujo mestre era Panteno (GILSON, 1998, p. 43).

2.2 A RELAÇÃO DE HIPÁCIA COM AS RELIGIÕES PREDOMINANTES EM ALEXANDRIA

Apesar de os cristãos serem cotados sempre como os maiores inimigos de Hipácia, e na maioria das narrações, seus assassinos, especialmente Cirilo e os parabolanos, eles não eram os únicos que tinham motivos de ordem religiosa para condenar a postura da filósofa⁶⁷. Podemos citar os judeus⁶⁸. Na cultura judaica, havia uma série de restrições e obrigações para as mulheres, e Hipácia não fazia nada que era determinado para uma mulher. Obviamente ela não era judia, mas isso não impedia que os judeus, as autoridades dentro dessa religião, a vissem com olhos reprovadores.

O fato de Hipácia ser solteira e provavelmente ter escolhido nunca se casar, configurava uma falta dentro da fé judaica. Constituir uma família, casar e ter filhos era um mandamento religioso e a pessoa que não seguisse esse padrão era desprezada⁶⁹.

Celibato voluntário e a escolha de não gerar filhos eram opções totalmente abominadas pelos judeus e era exatamente isso que Hipácia escolheu para sua vida. Os judeus, como ficou claro, também tinham motivos de ordem religiosa para não aprovarem Hipácia e sua influência. Ela definitivamente não se encaixava nos padrões dessa religião para uma mulher⁷⁰.

Há a interessante narrativa de Damáscio, onde ele relata sobre um aluno apaixonado por sua professora⁷¹. Em certa ocasião, um dos alunos de Hipácia (esse aluno nunca chegou a

⁶⁷ Hipácia era uma pagã e uma mulher, um expoente do helenismo e uma figura política influente (ALIC, 1981, p.309).

⁶⁸ No filme *Ágora*, Hipácia e seus discípulos vestem branco no início. Mas após a tomada da biblioteca de Alexandria pelos cristãos, Hipácia aparece trajando tons de vermelho, alaranjado e verde. Sempre com a cabeça, o colo e os braços descobertos, distingue-se das cristãs muito cobertas com roupas cinzentas e mantos na cabeça. (OLIVEIRA, Loraine. *Ágora*. Revista Pense; número 2; novembro de 2012 – p.29). No judaísmo, uma mulher andar com a cabeça descoberta na rua era uma falta tão grave que seu marido podia se divorciar dela. (DURANT, 2002, p.326).

⁶⁹ No judaísmo, como no islamismo, o celibato voluntário ou a falta de filhos era grande pecado, constituir um lar e uma família era mandamento religioso, o primeiro dos 613 mandamentos da Lei; “uma pessoa sem filho”, diz um midrax, “conta-se entre os mortos”. Judeus, cristãos e mulçumanos concordavam que a continuação adequada do grupo ficava em perigo quando mandamento religioso sobre a criação de filhos perdia sua força. (DURANT, 2002, p.324).

⁷⁰ Ao que parece os rabinos sentiam que a virgindade tinha de ser observada, mas que a virgindade perpétua significava um desenvolvimento frustrado. Na opinião deles a suprema perfeição de uma mulher é a maternidade, como a virtude suprema de um homem é a paternidade. Todo pai era aconselhado a economizar e prover um dote para cada uma de suas filhas e uma doação pré-matrimonial para cada filho, para evitar que o casamento fosse retardado de maneira prejudicial à saúde. (DURANT, 2002, p.325).

⁷¹ O gesto de Hipácia pode ser posto em paralelo com o de Sócrates, quando rejeita Alcibiades, no Banquete de Platão. Trata-se de mostrar ao jovem o sentido mais profundo de eros, e orientá-lo nessa direção. (OLIVEIRA, 2012, p.30).

ter a identidade revelada) se apaixonou por ela. Ele se interessou tanto pela filósofa que chegou a declarar o seu amor. A reação de Hipácia é extremamente interessante. Para afastar o aluno e ainda ensinar algo a ele, ela pegou o pano que usava em sua menstruação e deu para ele, dizendo que na verdade era por isso que ele se interessava, pelos limites do corpo feminino e não pela beleza verdadeira.

Se a narração de Damáscio foi verdadeira, se de fato Hipácia entregou o pano da menstruação ao seu aluno apaixonado, e se essa notícia se espalhou, certamente os judeus ficariam extremamente enojados com o gesto da filósofa, porque de acordo com a lei judaica, uma mulher durante seu período de menstrual nem poderia estar em público, nem ao menos ser tocada por alguém⁷².

Se os judeus ficaram sabendo, seguramente desaprovaram a atitude de Hipácia, por mais que tenha sido uma estratégia inteligente de ensinar o que Plotino nos adverte na *Enéada* I. 6 – Sobre o belo, que a beleza dos corpos é enganosa.

Então, qual o modo? Qual a concepção? Como alguém contemplará uma “beleza inconceptível” que, por assim dizer, guarda-se no íntimo dos sacros áditos e não se adianta afora para que mesmo um profano a veja? Avance e adentre quem é capaz, deixando do lado de fora a visão dos olhos e sem mais voltar-se para as antigas fulgências dos corpos. Pois, vendo as belezas nos corpos, de modo algum se deve persegui-las, mas, entendendo que são imagens e traços e sombras, fugir para aquilo de que estas são imagens. Pois se alguém as persegue, desejando apanhá-las como algo verdadeiro, acontecerá com ele o mesmo que com aquele que quis apanhar sua bela imagem corrente sobre a água - como me parece enigmatizar um certo mito por aí - e sumiu abismando-se na profundidade do rio; do mesmo modo, aquele que se apega à beleza dos corpos e não a abandona se abisma, não com o corpo, mas com a alma, nas profundezas tenebrosas e funestas para o intelecto, onde, permanecendo cego no Hades, conviverá com sombras por toda parte. (I. 6 [1] 8. 1-14)⁷³.

Os judeus também não aprovavam mulheres que tinham voz pública ou que falassem demais. Para eles o lugar das mulheres era em casa, cuidando de sua família, seus filhos e marido, e Hipácia além de ser uma professora que ministrava aulas públicas, não era casada e nem era mãe.

⁷² Cadáveres, funções sexuais, menstruação, parto, vermes intestinais, porcos e lepra (isto é, várias moléstias da pele) constituíam, pela lei religiosa, coisas desasseadas. Pessoas tocadas ou afetadas por qualquer dessas coisas deveriam ir à sinagoga e proceder ao ritual de purificação. (DURANT, 2002, p.321).

⁷³ Baracat Júnior, José Carlos. Plotino, *Enéadas* I, II e III – Porfírio, Vida de Plotino: introdução, tradução e notas / José Carlos Baracat Júnior. -- Campinas, SP: 2006. p. 304 – 305).

Os judeus pensavam, e os cristãos herdaram esse pensamento deles, que a mulher era culpada pela existência das coisas ruins no mundo desde o fato ocorrido no livro Gênesis, onde Eva comeu do fruto proibido, e segundo eles, instigou o homem a cometer a mesma falta. Eles até admitiam características das mulheres que os homens não tinham, como a habilidade de serem mais instintivas, mas as julgavam como sendo de espírito leve. Qualquer bem material da mulher, na verdade não era dela, e sim do marido⁷⁴.

Assim como os judeus, os cristãos também tinham um modo de tratar as mulheres muito repressor. Havia uma visão fundamentalista e prejudicial na qual afirmava que a mulher era a fonte dos pecados, era um instrumento do mal. A mulher só se via livre desse estereótipo quando se tornava mãe. Em um cenário assim, o aborto, por exemplo, era totalmente inaceitável⁷⁵.

⁷⁴ Tal como os patriarcas cristãos, censuravam-na por extinguir “A Alma do Mundo” por meio da inteligente curiosidade de Eva. Consideravam a mulher de “espírito leve”, admitindo, entretanto, que ela possuía uma sabedoria instintiva que faltava ao homem. Deploravam muito a loquacidade das mulheres (“Dez medidas de palavras desceram ao mundo; as mulheres tomaram nove e os homens uma”) [...] Na lei, segundo um rabino, “100 mulheres equivalem apenas a uma testemunha” [...] seus ganhos e suas rendas de qualquer propriedade que possuísse pertenciam ao marido. O lugar da mulher era em casa. (DURANT, 2002, p.327).

⁷⁵ A posição da mulher foi, durante algum tempo, prejudicada pela doutrina de alguns chefes cristãos, os quais afirmavam que a mulher era a fonte do pecado e o instrumento de satanás; modificou-se, porém, essa posição pelas honras prestadas à Mãe de Deus. Tendo aceito o casamento, a Igreja abençoou a maternidade e proibiu severamente que se praticasse o aborto ou o infanticídio [...](DURANT, 2002, p.69).

CAPÍTULO 3 - HIPÁCIA E UMA REPRESENTAÇÃO DE GÊNEROS

3.1 COMPARATIVO ENTRE AS MULHERES DA ANTIGUIDADE TARDIA E HIPÁCIA DE ALEXANDRIA

A imagem das mulheres é, desde a Antiguidade, ligada de alguma forma à heresia, principalmente quando se faz uma leitura sob uma óptica cristã dos fatos históricos. A figura dessas “mulheres heréticas”, fez com que no decorrer da história da Igreja Católica as mulheres fossem afastadas de cargos eclesiásticos (BURRUS, 1991, p. 230). No entanto, pode-se dizer que essa associação das mulheres com heresias revela o tamanho da opressão patriarcal com que elas foram tratadas no decorrer da história da Igreja.

Essa visão é problemática, porque de acordo com Virginia Burrus, é precipitado afirmar que a história das mulheres e da tradição ortodoxa, principalmente quando essa última é a maior influência, é marcada apenas por silêncio e opressão (BURRUS, 1991, p. 230).

Na verdade essas mulheres não eram submissas à opressão patriarcal e isso fazia com que elas tivessem uma imagem pejorativa perante a sociedade.

Enquanto a figura da mulher herética era usada na maioria das vezes para retratar um comportamento impróprio, a virgem era usada como um modelo ideal do comportamento feminino. Essa imagem era tão forte que a própria Igreja Cristã era retratada dessa maneira, como a virgem, irrepreensível. E essa conotação de santidade não dizia respeito apenas às questões sexuais, mas também com relação à própria boca, o falar. A mulher aprovada pela Igreja era a que não tinha voz. A virgem também limitava seu próprio ir e vir, porque ela dificilmente saía de casa e não recebia visitas e também não desafiava a hierarquia masculina, em que ela era colocada como inferior (BURRUS, 1991, p.232).

A forte opressão patriarcal dentro da Igreja cristã é forte e histórica. Ao olhar, por exemplo, uma carta enviada pelo bispo Alexandre para Ário, é possível ver mulheres sendo citadas de forma pejorativa. Entre outras questões, ele desaprovava o fato de Ário permitir que certas “mulherzinhas” apareçam em lugares públicos de forma desordenada (BURRUS, 1991, p.234).

O bispo Alexandre de Alexandria foi cotado como um dos maiores acusadores das mulheres. Ele gostava de usar as passagens de Paulo na carta a Timóteo para limitar a ação feminina. Por exemplo, no capítulo 3 da segunda carta para Timóteo, Paulo faz uma descrição de como serão os últimos dias que precedem a volta de Cristo. O apóstolo, nos versículos 6 e

7, faz menção a certas mulheres fracas e cheias de pecados, que são levadas por todo tipo de desejos. Elas querem aprender, mas não aprendem nada (2 Timóteo 3. 6-7)⁷⁶.

Hipácia, indo contra essa regra que restringe o direito de falar em público só aos homens, dava suas aulas publicamente, sem nenhum medo de ser repreendida ou impedida. Ela não se intimidava em estar na presença de homens e não queria marido ou qualquer outro homem que a defendesse. O interesse de Hipácia era basicamente estudar e ministrar suas aulas. (RIST, 1965, p.220).

As mulheres casadas eram respeitadas e vistas com bons olhos sempre necessitavam de um guardião, tutor, quando estavam em público, pois elas eram consideradas incapazes de estarem sozinhas em ambientes em que elas não estavam acostumadas⁷⁷.

Nesse contexto, representado pela divisão pitagórica das atividades femininas, podemos notar que as mulheres do exterior não concorriam com as esposas, pois suas funções eram diferentes na arquitetura das relações. Dessa forma, podemos afirmar que as esposas ou mulheres “bem nascidas” pertenciam aos espaços interiores, isto é, deveriam se restringir ao oîkos, ao lar, que deveriam administrar para prosperar. Na maioria das vezes eram consideradas menores e incapazes de se conduzirem sozinhas no mundo exterior ao oîkos e, por isso, deveriam estar sempre tuteladas (FRANKLIN, 2009).

Não há um consenso sobre a ação da mulher, embora na maioria das vezes elas sempre ficassem restritas ao lar, há exemplos de mulheres na antiguidade que se destacaram, como a própria Hipácia⁷⁸.

Não há consenso entre os estudiosos de que o universo feminino estava de fato voltado ao interior do *oîkos* e que a mulher necessitava de controle e proteção. Poucos trazem anúncios de que alguma mulher se destacava nas letras ou na vida pública (FRANKLIN, 2009).

A igreja cristã, por exemplo, pregava que as pessoas eram todas iguais, porém, não era bem assim que acontecia na prática⁷⁹. O curioso, é que mesmo a Igreja professando que todos os homens eram iguais, excluindo as mulheres explicitamente, pois elas sempre estiveram em

⁷⁶ Também era costume relembrar o capítulo do livro de Gênesis onde Eva comete o pecado e na visão cristã, leva o homem a cometer o pecado também. Na concepção da Igreja, nesse episódio, a mulher representa a razão feminina e o homem a razão masculina, superior. Outra forma de relacionar a imagem das mulheres com práticas, ao ver da Igreja, como erradas, é repudiar a imagens de homens com trejeitos femininos (BURRUS, 1991, p. 239).

⁷⁷ Hipácia, como narra John M. Rist, não queria companheiros e nem tinham medo de falar em público com as pessoas. Ela não tinha medo de dirigir a palavra a homens em nenhum momento, muito menos quando era alguma discussão sobre um tema relevante.

⁷⁸ Realmente, mesmo da cultura ateniense Hipácia se distinguia. As mulheres em sua maioria não podiam fazer pronunciamentos públicos e nem podiam exercer funções que eram tratadas na maioria das vezes como masculinas.

⁷⁹ Proclamou, pelos seus chefes, o princípio de que todos os homens eram, por natureza, iguais - presumivelmente referia-se aos direitos legais e morais. (DURANT, 2002, p.69).

desvantagem, essa instituição não condenava a escravidão, por exemplo. (DURANT. 2002, p.69).

Embora os cristãos na maioria das vezes quisessem impor seu modo de vida aos outros, entre eles mesmos haviam desentendimentos por questões de interpretação bíblica, eles não se entendiam nem entre eles mesmos, não só em Alexandria, mas também em outros lugares do Império⁸⁰.

No entanto, não há um consenso sobre a ação das mulheres na Antiguidade. Em *A cidade das mulheres – A questão feminina e a pólis revisitada*, Marta Mega de Andrade afirma que é bastante verossímil afirmar que, no caso da sociedade antiga ateniense, as identidades sociais eram perpassadas e moldadas pelos atributos de gênero e que havia uma hegemonia do masculino no campo social, ou seja, o gênero masculino era visto como o gênero da cultura.

Isto não representa necessariamente uma inferioridade da mulher, mas, certamente, uma valoração negativa e a subordinação do campo feminino em grande parte das esferas institucionalizadas da vida social – família, justiça, governo; as mulheres atenienses padeceram de uma espécie de “menoridade”, aparecendo sempre precedidas da figura de um *kurios*. (ANDRADE, 2003, p. 116).

O costume na sociedade ateniense era considerar as mulheres cidadãs da cidade apenas quando elas eram ou esposas ou filhas de cidadãos atenienses (VERGARA, 2008, p. 159). Isso pode ser usado para ilustrar brevemente a forte hegemonia masculina (MEGA, 2003, p. 116), era apenas levada em consideração a origem do pai ou marido. E mesmo nessas condições, é arbitrário afirmar que as mulheres atenienses eram passivas no tocante às suas atividades na pólis.

Através de estudos historiográficos empenhados até a segunda metade do século XX, especificamente até os anos 80, firmou-se a ideia de que as mulheres pouco participavam da vida pública, podendo tomar parte apenas de atividades religiosas e estando totalmente aquém do que ocorria na vida pública e política. O grande problema que essa historiografia sexista

⁸⁰ Quase não ficou vestígio do culto pagão em Constantinopla. O próprio cristianismo via-se abalado pelos inúmeros conflitos que lá se verificavam; o arianismo era muito poderoso, surgiam sempre novas heresias e todos cultivavam sua própria teologia. “Esta cidade”, escreveu o irmão de Basílio, Gregório, de Niassa, por volta do ano 380, “está cheia de mecânicos e escravos, os quais são todos profundos teólogos e pregam nas ruas e em suas casas de negócios. Se se deseja trocar uma peça de prata, logo começam a discorrer sobre a diferença existente entre o Pai e o Filho; se lhes perguntam o preço do pão... dizem que o Filho é inferior ao Pai e se lhes perguntam se o banho está pronto, respondem que o Filho saiu do nada”. (DURANT, 2002, p. 56).

gerou foi a ênfase no estereótipo da mulher submissa e dos valores da ideologia masculina (VERGARA, 2008, p. 157).

A partir dos anos 1980, sob a influência de novos paradigmas para a interpretação dos fenômenos humanos, nomeadamente os conceitos de complexidade e diversidade, um novo olhar foi lançado sobre a documentação. Encontrou-se na iconografia testemunhos provocadores, que, no mínimo, cobravam do pesquisador uma releitura de testemunhos escritos. Seguindo um olhar mais atento à fragmentação do social, à existência de múltiplos discursos e à possibilidade de práticas sociais que façam frente a ideologias normatizadoras, os temas da iconografia vascular do concerto musical no gineceu, bem como das cenas vinculadas à educação e ao trabalho, podem fornecer elementos muito valiosos para se refletir sobre o tema, podendo trazer grandes contribuições para os estudos de gênero na situação atual de reflexão sobre o assunto. (VERGARA, 2008, p. 157).

Ou seja, a atividade das mulheres era bem mais ampla do que inicialmente se pensou. Com o auxílio da observação dos vasos pintados na época, que refletiam as situações cotidianas das pessoas, vemos mulheres desempenhando várias atividades, fora do interior da *oîkos*.

Grande parte das representações das mulheres em vasos áticos ilustram mulheres de classe elevada. Quando se representava uma mulher livre era em grande parte uma mulher de elite. No entanto, existia vasos que também representam mulheres livres, mas de extração mais popular.

As mulheres de classe social elevada eram representadas na maioria das vezes em cenas domésticas, se ocupando da fiação ou de tecelagem e saindo às ruas para buscar águas em poços ou participar de cerimônias religiosas (VERGARA, 2010, p.120). Todavia, a mulher de classe social baixa precisava ajudar no sustento da família. Dessa forma, a representação dessas mulheres em vasos era em cenas de trabalho, como no mercado vendendo perfumes, óleo e vários outros tipos de mercadorias (VERGARA, 2008, p. 159).

Se partíssemos apenas do exemplo das mulheres pobres que precisavam ajudar no sustento da família, já poderíamos chegar à conclusão de que a atividade das mulheres não se restringia ao lar, que elas tinham maior liberdade do que é divulgado, talvez em apenas alguns casos, mas tinham liberdade. Seria provavelmente bastante difícil de acreditar que essas mulheres de famílias pobres teriam que ficar reclusas em casa sem poder ajudar no sustento da família (CREVELD, 2004, p. 22).

Outro engano era acreditar que as mulheres atenienses eram confinadas em suas casas ou a determinados compartimentos da casa. Em *Sexo Privilegiado – O fim do mito da fragilidade feminina*, Martin Van Creveld, dá exemplos na própria mitologia grega para expor

a tese de que o confinamento das mulheres na Atenas antiga é uma má interpretação da história. Ele cita a mitologia de Zeus, que ao confinar os deuses no Olimpo para ajudar os gregos, política que valia para homens e mulheres, foi desobedecido pela sua própria esposa, Hera. “Outras deusas erravam pelos campos, como Dafne e Perséfone; ou como a poderosa mãe de Perséfone, Deméter, ao procurar pela filha. Uma dessas deusas, Ártemis, andava pelas florestas e pelas montanhas e não tinha sequer uma casa onde pudesse ser confinada”. (CREVELD, 2004, p. 21).

O autor também dá o exemplo das heroínas humanas dos épicos. Cita o exemplo de Helena, que do alto do muro da cidade vê seus dois maridos a brigar por ela e não foi censurada por seu sogro, Príamo. Cita o exemplo de Andrômaca que encontra seu marido nos portões de Tróia e costuma visitar os amigos da cidade. (CREVELD, 2004, p. 21).

Nas tragédias, se Antígona vivesse confinada, não poderia ter enterrado o irmão morto. Electra não poderia ter ido ao poço pegar água. Clitemnestra, esposa do rei Agamenon, não poderia ter acompanhado o marido ao local de reunião da frota, em Aulis, para testemunhar o sacrifício da filha Ifigênia. Medéia dificilmente teria conhecido Jasão, um estrangeiro, apaixonando-se por ele e o ajudado a conseguir o velocino de ouro; mesmo na famosa passagem em que lamenta o destino da mulher, Medéia diz apenas que não tem permissão para ter um amante e não que não pode sair. Se as mulheres realmente vivessem reclusas, 90% da mitologia grega seria uma impossibilidade. (CREVELD, 2004, p. 22).

Ainda de acordo com Creveld, as provas de que as mulheres trabalhavam fora de casa são esmagadoras. Ele disserta que as mulheres iam a fontes buscar água, trabalhavam como enfermeiras ou parteiras, como artesãs e artistas. Podemos ver também algumas representações em vasos de mulheres atuando em oficinas artesanais, uma atividade vista como fortemente masculina por conta do grande esforço físico que era necessário empregar (VERGARA, 2008, p. 163). As mulheres também estavam envolvidas em trabalhos no campo. Havia representações em vasos de mulheres colhendo frutas e essa atividade era vista como basicamente feminina (VERGARA, 2008). Também trabalhavam em vendas e eram ativas na religião, podendo até vir a se tornar sacerdotisas (CREVELD, 2004).

Sabemos que nas sociedades onde havia uma grande influência helenística, as mulheres desempenhavam vários papéis, não somente as atividades domésticas propostas pela historiografia tradicional. No Egito, onde Hipácia viveu, havia maior liberdade para as mulheres, pelo menos até a expansão do cristianismo.

As mulheres desempenhavam um papel político maior, manobrando com príncipes e algumas vezes assumindo o governo. As leis afrouxaram, permitindo que mais mulheres adquirissem propriedades e dirigissem negócios. As mulheres participaram mais ativamente na vida cultural, e surgiram mais escritoras notáveis. Da mesma forma, textos sobre mulheres mostravam-se mais favoráveis a elas, embora não chegassem a sugerir igualdade. Por fim, representações artísticas mudaram drasticamente, com um crescente interesse na representação do nu feminino, em contraste com o estilo pesado e coberto de roupas, característico da Grécia (STEARNS, 2007, p. 55).

Um fator que deve ser levado em consideração no Império Romano da Antiguidade Tardia é a mudança de religião para o cristianismo. Sabe-se que a imposição de um modo de vida tão rigorosamente limitado para as mulheres não era algo da tradição helênica, que embora não sugerisse uma igualdade de gêneros, também não rebaixava tanto a mulher. Podemos admitir que esse tratamento tão desigual veio com o cristianismo.

Hipácia foi morta principalmente por uma manobra política arquitetada pelo patriarca Cirilo, que intimidado pela influência, força e ação de Hipácia, arquitetou sua morte.

Mas não se pode esquecer o fato de Hipácia ser uma mulher. Filósofas na Antiguidade eram um fenômeno raro e Hipácia foi muito à frente de seu tempo. E por que isso? Porque Hipácia dava aulas públicas sobre filosofia, matemática, geometria, estudava astronomia, enfim, tinha uma vida acadêmica ativa. Em seu tempo, na interpretação de Simone de Beauvoir, as mulheres quando queriam ter voz, não podiam ter autonomia, precisavam estar acompanhadas de um homem (BEAUVOIR, 1970, p.10), que poderia, por exemplo, ser seu marido. Hipácia não quis se casar e nem ter filhos, dedicou a vida aos seus estudos e aulas.

Ainda segundo Beauvoir, desde os antigos, a mulher sempre é vista como o segundo sexo. O homem é o sujeito, o absoluto, o essencial. A mulher é o outro, o secundário, o inessencial (BEAUVOIR, 1970, p. 12). Hipácia não se colocou sob esse jugo, ela quis ter voz, independência e não a submissão que impunham às outras mulheres.

E em muitos casos as próprias mulheres não buscam uma diferença nesse padrão que as coloca sempre de forma inferior. As mulheres, salvo exceções, não se colocam como sujeitos em seus discursos. Se elas se enxergam como "o inessencial" que nunca retorna ao essencial é porque elas mesmas não operam esse retorno. Hipácia sim se colocou como sujeito, ela não se intimidou pelas pressões políticas, religiosas e sociais de seu tempo. Sabemos que ela foi tão importante, o seu parecer sobre os assuntos públicos era tão levado

em consideração que o próprio Orestes, prefeito da cidade de Alexandria, a consultava sobre sua gestão da cidade.

Outro ponto muito forte é o da religião cristã que crescia. Sabemos que as pessoas no final do século IV e começo do século V, começaram a se converter ao cristianismo porque não ser cristão tornara-se algo perigoso. E mesmo com esse perigo eminente, Hipácia recusou-se a se converter.

As condições dos homens e das mulheres nunca foram iguais. A mulher, quando não esteve totalmente dependente do homem, como se fosse uma escrava, dependia dele para tudo. Mesmo com todos os avanços atuais em relação à igualdade de gênero, as mulheres se veem em desvantagem. Mesmo com legislações específicas para elas, na maioria das vezes um longo hábito as impede de tomar posse do que lhe é de direito (BEAUVOIR, 1970, p. 14). Por exemplo, concorrer a eleições, quando a participação masculina é predominante. Denunciar a agressão física imposta pelo marido, porque é sempre a mulher que tem que se sacrificar para manter os laços do matrimônio, não importa o preço. Todas essas questões demonstram que, embora antiga, essa história é muito atual.

Provavelmente, um dos principais motivos de Cirilo ter essa rixa com a filósofa é o fato de ela ser mulher, e não simplesmente por ela incomodá-lo no tocante às suas ideologias. O Império Romano era cristão, Hipácia deveria estar casada e tendo filhos, de acordo com as regras cristãs impostas ao estilo de vida das pessoas, e principalmente das mulheres. Antes da proliferação da religião cristã no Egito, era possível ver mulheres desempenhando papéis além do de esposa e mãe, mas o cristianismo sufocou esse modo de vida anterior ao seu surgimento.

Peter Stearns, em *História das relações de gênero*, explica que no Egito, por exemplo, foi herdado da Macedônia (com a chegada de Alexandre, o Grande), o costume de mulheres serem muito ativas na política, que contrastava com o estereótipo da mulher submissa. “O Egito contribuiu com leis que permitiam às mulheres atuar por conta própria sem requerer guardiões” (STEARNS, 2007, p.55-56).

É possível depreender, a partir do ponto de vista de Stearns, o motivo de John Rist, em *Hypatia*, dissertar sobre a coragem que Hipácia tinha de falar em público mesmo sem a companhia de um homem. Não é correto tirar o mérito de Hipácia, de fato ela era subversiva, mas é possível admitir que esse costume era tradicional em Alexandria, uma egípcia tão

importante, e que estava sendo erradicado em virtude de mudanças sociais, como a religião e o modo de vida feminino na época.

Naturalmente Hipácia se tornou um referencial para toda uma geração de feministas. Existem duas revistas de estudos feministas que levam seu nome. A *Hypatia: Feminist Studies*, publicada em Atenas desde 1984 e a *Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy*, publicada nos EUA desde 1986. Ursula Molinaro, uma romancista feminista diz o seguinte: “a tortura e o assassinato da eminente filósofa Hipácia por uma turba de cristãos em Alexandria, em 415 d.C., assinala o fim de uma época em que as mulheres eram ainda apreciadas pelo cérebro que têm por baixo dos cabelos” (MOLINARO *apud* DZIELSKA, 2009, p. 30).

Hipácia pode sim ser considerada uma subversiva na Antiguidade, uma mulher à frente de seu tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da dificuldade de definir com exatidão a ação de Hipácia de Alexandria e seus ensinamentos pela falta de seus escritos, é possível chegar à conclusão de que realmente Hipácia marcou sua época porque esteve à frente de seu tempo.

Numa sociedade onde há um cristianismo totalmente deturpado e violento uma mulher que se preocupava com matemática, filosofia, astronomia e geometria, certamente estaria em uma posição de risco. O fato de Hipácia ser uma mulher, não deve jamais ser ignorado (RIST, 1965, p. 220).

Considera-se aqui que o principal motivo da morte da filósofa foi a ambição política do patriarca Cirilo. Ele, de uma forma muito engenhosa e até inteligente, conseguiu criar todo um contexto para rotular a filósofa como uma ameaça. Ele poderia até justificar dizendo que seu cargo de patriarca lhe dava margem para tal ação, já que Cirilo tinha o dever de preservar o cristianismo na cidade de Alexandria e fez parecer que Hipácia queria propagar o ateísmo na cidade.

É possível notar como a religião e o Estado estavam fortemente ligados na segunda metade do século IV e começo do século V. Um bispo como Cirilo tinha tanto autoridade eclesiástica como política, porque o cristianismo era a religião oficial do Império Romano e era necessário manter a religião. Em 392, por exemplo, a palavra religião era sinônimo de cristianismo.

A conversão do Império Romano ao cristianismo tornou a vida não só de Hipácia difícil, mas de todas as mulheres. Já era raro encontrar mulheres filósofas, com a ascensão do cristianismo, ficou ainda mais raro. Todavia, diferentemente do que a historiografia tradicional sugere, as mulheres na Antiguidade não tinham simplesmente uma vida doméstica e submissa, elas desempenhavam várias funções, o que não sugere igualdade, mas tira a mulher da estagnação que algumas interpretações históricas sugerem.

Hipácia nunca se casou e nunca teve filhos, tinha seu cargo como professora e não se intimidava perante a Igreja e a política vigente. Ela pode sim ser considerada uma mulher incomum na Antiguidade, à frente de seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIC, M. Women and technology in ancient Alexandria: Maria and Hypatia. Pergamon Press. Vol. 04, nº3, p. 305-312, 1981.

AMENÁBAR, A.; AUGUSTÍN, A.; BOVAIRA, F.; SANTIAGO, S.; ESCOLAR, J.L.; ARTINANO, J.O.; *Ágora*. [Filme-vídeo]. Produção de Álvaro Augustín, Fernando Bovaira, Simón de Santiago, José Luis Escolar e Jaime Ortiz de Artiñano, direção de Alejandro Amenábar. Espanha, 2009. 127 min. color. son.

ANDRADE, M.M. A cidade das mulheres – A questão feminina e a pólis revisitada. In: FUNARI, P.P (Org.). Amor, desejo e poder na Antiguidade – Relações de gênero e representações do feminino. Editora Unicamp: Campinas, São Paulo, 2003.

BARACAT, J. Plotino, Enéadas I, II e III – Porfírio, Vida de Plotino: introdução, tradução e notas / José Carlos Baracat Júnior. Campinas, 2006.

BEAUVOIR, S. O Segundo sexo. São Paulo: Difusão Europeia Editora, 1970.

BURRUS, V. The heretical woman as symbol in Alexander, Athanasius, Epiphanius and Jerome. Cambridge University Press. Harvard Divinity School, Vol. 84, nº 3, p. 229-248, 1991.

CAETANO, J.P de Souza. Estado e Religião na Antiguidade Tardia. In: CHEVITARESE, A. (Org.). Sociedade e Religião na Antiguidade Oriental. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros/Senai, 2000.

COMBY, J. Para ler a história da Igreja I – Das origens ao Século XV. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

COULANGES, F. A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CREVELD, M.V. Sexo privilegiado – O fim do mito da fragilidade feminina. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DEAKIN, Hypatia and Her Mathematics. The American Mathematical Monthly, Vol.101. nº3; Março de 1994.

DIAS, P.B. Hypatia and the idiosyncrasies of Christianity in Egypt – A study of the events occurred at easter 415 A.D in Alexandria. In: SOUSA, R (Org.). Alexandria ad Aegyptum – The legacy of multiculturalism in antiquity. Centro de estudos clássicos e humanísticos da Universidade de Coimbra. S/D

DURANT, W. A história da civilização IV – A idade da fé: história da civilização medieval, cristianismo, islamismo, judaísmo, de Constantino a Dante. Tradução de Mamede de Souza Freitas; revisão de Marcos Roma Santa. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DZIELSKA, M. Hipátia de Alexandria. Tradução de Miguel Serras Pereira. Estado: Relógio D'Água, 2009.

FITZGERALD, A. As cartas de Sinésio, Oxford, 1926. Disponível em: http://www.livius.org/su-sz/synesius/synesius_correspondents.html.

FLOWER, D. A. Biblioteca de Alexandria – As histórias da maior biblioteca da Antiguidade. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2002.

FRANKLIN, K. O Papel da Mulher na Cidade: Atividades Femininas na Antiguidade e a Idéia de Guardiã em Platão. In: CORNELLI, G (Org.). Representações da cidade antiga – categorias históricas e discursos filosóficos. Coimbra: Centro de estudos clássicos e humanísticos da Universidade de Coimbra, 2010.

GILSON, E. A filosofia na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARROU, H. História da Educação na Antiguidade. São Paulo: Herder, 1971.

MARTÍNEZ, J. M. B. Sinesio de Cirene, intelectual. La escuela de Hypatia em Alejandria. Gerión 2004, n. 1, p.403 – 419.

MEDEIROS, E.B. Constantino e os cristãos: A ascensão do cristianismo como religião oficial do Império Romano e o desenvolvimento da intolerância. In: CERQUEIRA, F.V (Org.). Religião e poder, do mundo antigo ao moderno: Ensaio Acadêmicos. Pelotas: UFPel, 2009.

MERRITT, D.J. Hypatia in the Patent Office: Woman Inventors and the Law, 1865 – 1900. Temple University, vol.35, nº3, p. 235-306, 1991.

OLIVEIRA, Loraine. Ágora. Revista Pense, Minas Gerais, n. 2, p.28-30, 2012.

RIST, J.M. “Hypatia”, Phoenix 19, 1965, p.214- 225.

STAMBAUGH, J; BALCH, D.L. O Novo Testamento em seu ambiente social. São Paulo: Editora Paulus, 1996.

STEARNS, P. História das relações de gênero. São Paulo: Contexto, 2007.

VERGARA, F. Interpretando evidências iconográficas da mulher ateniense. 2008.

_____. A representação do casamento e do amor matrimonial na cerâmica ática: sentimentos íntimos da mulher ateniense (sec. VI - V a.C.) In: SILVA, U (Org.). Imagens tangenciadas no tempo: estudos sobre representações femininas. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2010.

VRETTOS, T. Alexandria – A cidade do pensamento ocidental. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

WAITHE, M.H – Ancient women philosophers, 600 B.C – 500 A.D Dordrecht; Boston: Martinus Nijhoff, 1987.